

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

EDUARDO PEREIRA DA SILVA

**Emoções no basquetebol: primeiras
aproximações a partir da psicologia
cultural**

Campinas
2010

EDUARDO PEREIRA DA SILVA

Emoções no basquetebol: primeiras aproximações a partir da psicologia cultural

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Pedro José Winterstein

Campinas
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Si38a	<p>Silva, Eduardo Pereira. Emoções no basquetebol: primeiras aproximações a partir da psicologia cultural / Eduardo Pereira da Silva. -- Campinas, SP: [s.n], 2010.</p> <p>Orientador: Pedro José Winterstein. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.</p> <p>1. Psicologia cultural. 2. Emoções. 3. Basquetebol. I. Winterstein, Pedro José. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.</p> <p>(dilsa/fef)</p>
-------	--

Título em inglês: Emotions in basketball: first approximations from cultural psychology.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Cultural psychology; Emotions; Basketball.

Área de Concentração: Educação Física e Sociedade.

Titulação: Mestrado em Educação Física.

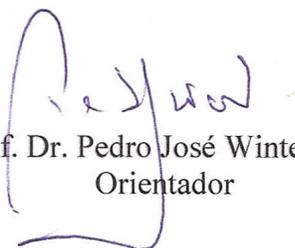
Banca Examinadora: Eliana Ayoub. Pedro José Winterstein. Silvia Franco do Amaral.

Data da defesa: 25/02/2010.

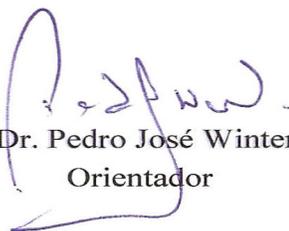
EDUARDO PEREIRA DA SILVA

**Emoções no basquetebol: primeiras aproximações a partir da
psicologia cultural**

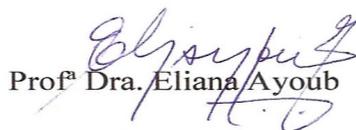
Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação de Mestrado defendida por
Eduardo Pereira da Silva e aprovada pela
Comissão Julgadora em: 25/02/2010.



Prof. Dr. Pedro José Winterstein
Orientador

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Pedro José Winterstein
Orientador



Prof^a Dra. Eliana Ayoub



Prof^a Dra. Sílvia Franco Amaral

Dedicatória

*Dedico este trabalho à mulher mais forte e maravilhosa que conheci em minha vida, **Maria Helena da Silva**, minha querida e estimada mãe.*

Assim, descobri que, para o homem, o melhor e o que mais vale à pena é comer, beber, e desfrutar o resultado de todo o esforço que se faz debaixo do sol durante os poucos dias de vida que Deus lhe dá, pois essa é a sua recompensa. E quando Deus concede riquezas e bens a alguém e o capacita a desfrutá-los, a aceitar a sua sorte e a ser feliz em seu trabalho, isso é um presente de Deus. Raramente essa pessoa fica pensando na brevidade de sua vida, porque Deus o mantém ocupado com a alegria do coração.

Rei Salomão (ECLESIASTES 5:18-20).

Agradecimentos

A Deus:

Agradeço a Deus autor e consumidor da minha fé;

Aos mestres com carinho:

Primeiramente ao Prof. Dr. Pedro José Winterstein, pelo o apoio e confiança em aceitar a trilhar juntos essa fase de minha vida. Meus sinceros agradecimentos.

Aos mestres da Universidade Federal do Piauí, sem os quais jamais teria chegado até aqui, não vou citar nomes para não esquecer ninguém, mas a todos do Setor de Esportes, agradeço o incentivo de acreditarem em mim quando falei que queria fazer pós-graduação. Senti o estímulo de todos nessa batalha tão difícil.

Aos meus mestres do Ensino Básico, jamais me esquecerei deles, ainda me lembro meu primeiro dia de aula, fico muito agradecido a todos pelo empenho de ensinarem-me as primeiras letras;

À minha família:

Não poderia deixar de agradecer àqueles sem os quais jamais teria a oportunidade de sentar nesta cadeira e digitar estas simples palavras, quero agradecer minha esposa: Tatiane Aparecida Marques da Silva, ou simplesmente Tati, minha querida e estimada esposa, muito agradecido pelo seu desdobramento em me ajudar nesta fase tão árdua.

Meus pais: Maria Helena da Silva e Raimundo Pereira da Silva, agradeço o esforço deles em proporcionar-me a oportunidade de crescimento pessoal, e pelo incentivo constante; e aos meus irmãos por terem me ajudado em todo o tempo;

A família da minha esposa: Sebastião Marques e Maria Edite Urbano Marques, e minha cunhada, Viviane Cristina Marques, meus inestimados agradecimentos a todos os momentos;

Aos amigos:

Aos meus amigos de fé, que sempre acreditaram em mim. Obrigado a todos!!

Aos funcionários da Biblioteca FEF/UNICAMP, meu muito obrigado por todas as ajudas que me deram!

SILVA, Eduardo Pereira da. **Emoções no basquetebol**: primeiras aproximações a partir da psicologia cultural. 2010. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

No contexto do basquetebol competitivo há vários aspectos que podem interferir no resultado final de um jogo, ou mesmo de uma competição, tais como físico, técnico, tático e psicológico. Este último pode-se citar como exemplo do aspecto emocional, que pode ser decisivo tanto para a derrota como para vitória de uma equipe. O objetivo principal do presente trabalho é analisar as emoções de atletas adultos de basquetebol da divisão especial série A-1 do campeonato paulista temporada 2009/2010, para, assim, responder os seguintes questionamentos: quais os artefatos e instrumentos culturais que estão presentes no basquetebol e, que, portanto, são mediadores simbólicos e resultam em apropriação pelos jogadores? Quais significados resultantes dessa apropriação são determinantes na atuação destes jogadores? A proposta metodológica filia-se à psicologia cultural, que entende a cultura como uma dimensão de análise central na psicologia, e o ponto chave da psicologia humana é o significado. Deste modo, essa teoria entende que os seres humanos sobrevivem e se realizam por meio das instituições sociais, das atividades culturais, dos conceitos, dos artefatos e dos fenômenos psicológicos socialmente organizados. O enfoque deste trabalho são os artefatos e instrumentos concernentes ao basquetebol, que se dá por dois conceitos principais para a psicologia cultural: a mediação e a apropriação. Este estudo é uma pesquisa qualitativa, e tem como método a análise de conteúdo por meio de entrevistas semi-estruturadas com cinco atletas da divisão especial série A-1 do campeonato paulista. Criaram-se duas categorias de análise, uma a instituição e outra os artefatos/instrumentos. Com relação à primeira categoria, os atletas apontaram a importância das instituições para o seu engajamento na prática do basquetebol, por exemplo, os clubes, projetos desenvolvidos pelas prefeituras do interior de São Paulo e as escolas. A família é o principal mediador para o engajamento dos atletas no basquetebol. Assim, assinala a relação dialética entre as instituições, os conceitos, os artefatos e os fenômenos psicológicos. Com relação aos artefatos/instrumentos, o artefato apontado como principal motivador para o desempenho dos atletas foi a torcida, que é o “fator jogar em casa”, no seu ginásio em sua quadra. Os principais instrumentos utilizados como mediadores pelos atletas foram o vestiário, o banco de reservas, a estatística e o vídeo, e, por meio destes, os atletas se apropriam dos conceitos concernentes ao basquetebol, os quais os ajudam nos seus desempenhos em quadra. Os instrumentos que não tiveram nenhum significado no desempenho dos atletas e em suas emoções foram a tabela e o aro. O troféu e a medalha são instrumentos que representam o que há de mais importante para os atletas, pois significa que tiveram êxito na sua profissão. A televisão tem uma importância significativa, porque através dela os atletas podem ganhar status no trabalho, remunerações elevadas, e, dessa forma, ascensão social. A concentração foi a maneira como os atletas procuraram regular suas emoções. Os principais mediadores para os atletas regularem suas emoções foram os companheiros de equipe mais experientes e o técnico.

Palavras-Chave: Psicologia cultural; Emoções; Basquetebol.

SILVA, Eduardo Pereira da. **Emotions in basketball**: first approximations from cultural psychology. 2010. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

In the context of competitive basketball for several aspects that may interfere with outcome of a game, or even a competition, such as physical, technical, tactical and psychological. The latter can cite as an example the emotional aspect, which can be decisive, both for the defeat as a team to victory. The primary goal since of this work is to analyze the emotions of athletes adults Special Division basketball A-1 series of São Paulo championship of basketball 2009-2010 season, to answer the following question arises: what cultural artifacts and instruments are present in basketball, and, therefore, are symbolic intermediaries and resulting in appropriation by players? What meanings resulting from this appropriation are crucial in these players? The methodological proposal join with cultural psychology, which understands the culture as a central analysis dimension in psychology, and human psychology key point is the meaning. Thus, this theory believes that human beings survive and fulfillment through social institutions, cultural activities, concepts, artifacts and psychological phenomena socially organized. The focus of this work is artifacts and instruments concerning the basketball, which gives two key concepts to cultural psychology: mediation and appropriation. This is a qualitative research study, and as a method of analysis of content through semi-structured interviews with five athletes of special division series A-1 of São Paulo championship. Created two categories of analysis, one institution and other artifacts/instruments. With respect to the first category the athletes pointed out the importance of institutions for their engagement in the practice of basketball, for example, clubs, projects developed by the city of São Paulo and schools. The family is the primary mediator for the engagement of athletes in basketball. Thus, the dialectic relationship between the institutions, concepts, artifacts, and psychological phenomena. With respect to artifacts/instruments, the primary motivator appointed for the performance of athletes was twisted, which is the “home” factor in your gym in its kind. The main instruments used as mediators’ athletes were dressing room, the reserve bank, statistics and video, and through these athletes take concepts concerning the basketball, which help in them in their performances in court. The instruments which have not had any significance in the performance of athletes and their emotions were to the backboard and the hoop. The trophy medals are instruments that represent the most important for athletes, because it means that have succeeded in their profession. Television has a significant importance, because through the athletes can earn status at work, high remuneration, and thus social advancement. The concentration was the way athletes sought to regulate emotions. The main mediators athletes regulate emotions were more experienced team-mates and the technician.

Keywords: Cultural psychology; Emotions; Basketball.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	A estrutura de um sistema da atividade humana	36
Figura 2 -	Psicologia, atividades, artefatos e conceitos	38
Figura 3 -	Relação entre signos, instrumentos e atividade mediada	42
Figura 4 -	Relação dialética entre as instituições sociais, os artefatos, os conceitos culturais e a psicologia	53
Figura 5 -	Fenômeno psicológico organizado culturalmente e mediado por outros fatores macroculturais	56

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ETFPI	Escola Técnica Federal do Piauí
FEF	Faculdade de Educação Física
FPB	Federação Paulista de Basketball
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

Introdução	23
1 Psicologia cultural: conceitos e teorias	27
1.1 Teoria da atividade	31
1.1.1 Atividades culturais	38
1.1.2 Artefatos	40
1.1.3 Conceitos culturais	44
1.1.3.1 Apropriação	46
1.1.3.2 Mediação	48
1.2 Teoria macrocultural das emoções	51
2 Caminho metodológico	63
2.1 Caracterização da pesquisa	63
2.2 Critérios da pesquisa	64
2.3 Aspectos éticos da pesquisa	65
2.4 Roteiro básico de perguntas	66
2.5 Processo de realização das entrevistas	67
2.6 Processo de análise	78
3 Apresentação e discussão dos resultados	71
Conclusões	91
Referências Bibliográficas	95
Apêndices	103
APÊNDICE A: Roteiro de entrevista semi-estruturada	104
APÊNDICE B: Carta convite para participação em pesquisa	105
APÊNDICE C: Carta de autorização da instituição	106
APÊNDICE D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	107
Anexo	109
ANEXO A: Relação dos clubes participantes do campeonato paulista temporada 2009/2010	110

Introdução

O basquetebol foi a razão do meu ingresso na faculdade, pois quando ainda era secundarista fui atleta dessa modalidade pela Escola Técnica Federal do Piauí (ETFPI), com isso iniciou-se o meu desejo por ser professor de educação física. Na prática desse esporte, percebi que as emoções que vivenciara, de alguma forma, me estimulavam e, por vezes, atrapalhavam meu desempenho, despertando em mim a curiosidade epistemológica para entender melhor esse fenômeno.

Ao chegar à faculdade para cursar Licenciatura Plena em Educação Física, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), envolvi-me completamente pela disciplina de Psicologia, principalmente pela atuação profissional do professor, que ministrava a disciplina de acordo com as abordagens que ensinava, e dentre as teorias estudadas identifiquei-me demasiadamente pela perspectiva sociocultural¹ de Vygotsky², fundamentando de forma *sine qua non* minha atuação profissional, pois buscava trabalhar conforme essa teoria. No entanto, percebi uma necessidade maior de aprofundamento no estudo dessa linha teórica, sendo o desfecho final o Curso de Mestrado da UNICAMP, na área de Educação Física e Sociedade, em que me deparei com a teoria da psicologia cultural, sendo esta a base deste trabalho.

A psicologia cultural tem sua gênese com a revolução cognitiva no final dos anos 50 do século XX, que visava a trazer a “mente” de volta às ciências humanas, após um longo e frio de inverno de objetivismo, ou seja, buscava com isso uma abordagem mais interpretativa da cognição. Interessada na produção de significado, portanto, a meta da revolução cognitiva era descrever formalmente os significados que os seres humanos criavam a partir de seus encontros com o mundo. Assim, era possível levantar hipóteses sobre os processos que

¹ Wertsch e Alvarez (1998), citados por Ribas e Moura (2006), argumentam que o termo sociocultural é o mais adequado quando se trata da perspectiva mais contemporânea, que se apropriou das ideias de Vygotsky. Ver também Wertsch (1993) que usa esse termo na tentativa de compreender como a ação mental está situada no cultural, histórico e no ambiente institucional.

² Vygotsky nasceu no dia 05 de novembro de 1896, em Orsha, na família de um funcionário de escritório. Formou-se na faculdade de Direito da Universidade de Moscou em 1917 e, ao mesmo tempo, na faculdade de História e Filosofia da Universidade de A. L. Shanyavskii. Trabalhou como professor na cidade de Gomel. Em 1924, mudou-se para Moscou, onde começou a trabalhar no Instituto de Psicologia e, depois, no Instituto de Deficiências, fundado por ele. Fez uma série de conferências sobre Defectologia. Morreu em Moscou, no dia 11 de junho de 1934, aos 38 anos (DAVYDOV e ZINCHENKO, 1994, p. 152).

estavam implicados na produção de significados. Estes estudos focalizavam também as atividades simbólicas empregadas pelos seres humanos para construção e extração de significados, não apenas do mundo, mas de si mesmos (BRUNER, 2002)³.

A psicologia cultural tem sua base na psicologia sociocultural de Vygotsky, que segundo Davydov e Zinchenko (1994), foi um dos maiores psicólogos da primeira metade do século XX, e exerceu uma considerável influência na psicologia mundial. Destacam-se também as origens científicas gerais da teoria psicológica de Vygotsky, que foi um partidário convicto do materialismo histórico-dialético e um dos criadores da psicologia marxista.

Entretanto, segundo os autores supracitados, para Vygotsky, “a filosofia marxista não era um dogma ou uma teoria em que poderiam ser encontradas as respostas para todas as questões específicas da psicologia. Essas respostas só podem ser obtidas com base no estudo psicológico cuidadoso e científico da atividade e da consciência humanas” (p.157).

Por outro lado, Vygotsky (1994) viu o pensamento marxista como uma fonte científica valiosa. Uma aplicação do materialismo histórico e dialético relevante para a psicologia seria, portanto, um resumo preciso da teoria sociocultural. Além disso, o autor viu também, nos métodos e princípios do materialismo dialético, a solução dos paradoxos fundamentais com que se defrontavam seus contemporâneos.

O conceito central de uma psicologia humana é o *significado*. De acordo com Bruner (2002), essa convicção se baseia em dois argumentos. O primeiro é que para entender o ser humano você deve entender como suas experiências e seu atos são aprendidos por seus estados intencionais. O segundo argumento é o de que a forma desses estados intencionais se realiza apenas por meio da participação em sistemas simbólicos da cultura.

A cultura, então, deve constituir uma dimensão de análise central para a psicologia. Bruner (2002) apontar três razões para isso. A primeira é um ponto metodológico profundo: o argumento constitutivo. É a participação do ser humano *na* cultura e a realização de seus poderes mentais *através* da cultura, que tornam impossível construir uma psicologia humana baseada apenas no indivíduo. A segunda razão refere-se ao fato de que, se considerarmos que a psicologia está tão imersa na cultura, ela deve se organizar em torno desses processos produtores e utilizadores de significado que conectam o ser humano à cultura. Em virtude da participação na

³ Jerome Bruner é professor de Psicologia da Universidade de Nova Iorque, é autor e co-autor de livros, artigos, sobre grande número de assuntos. Seu principal livro é *Atos de significação* (2002). Com uma carreira de quase 60 anos, que começou em Harvard, na década de 1940.

cultura, o significado é tornado *público e compartilhado*. Nosso meio de vida, culturalmente adaptado, depende da partilha de significados e conceitos que decorrem das mediações e apropriações vivenciadas pelos indivíduos. A última razão se encontra no poder do que Bruner chama de “psicologia popular”, que, para este autor, é um sistema pelo qual as pessoas organizam suas experiências no mundo social, seu conhecimento sobre ele e as trocas que ele mantém, consistindo, portanto, nas mediações e apropriações realizadas pelos seres humanos.

Ratner⁴ (2002; 2006), ao eleger como referencial a teoria da atividade, afirma que, os seres humanos sobrevivem e se realizam por meio das instituições sociais, das atividades culturais, dos conceitos, dos artefatos e dos fenômenos psicológicos socialmente organizados. Entende, assim, que os seres humanos realizam suas mediações e apropriações por meio das instituições, das atividades culturais, dos conceitos, dos artefatos e dos fenômenos psicológicos, que, no caso deste estudo, são as emoções.

O objetivo principal deste trabalho é, portanto, analisar as emoções em atletas de basquetebol masculinos adultos da divisão especial série A-1 do campeonato paulista, temporada 2009/2010, pelo viés da psicologia cultural. Os objetivos específicos são:

- Identificar as emoções vivenciadas pelos atletas de basquetebol masculinos adultos da divisão especial série A-1 do campeonato paulista temporada 2009/2010;
- Verificar a relação dialética entre as instituições sociais, as atividades culturais, os conceitos, os artefatos e os fenômenos psicológicos socialmente organizados;
- Identificar e analisar os artefatos e instrumentos culturais presentes no basquetebol, e que são seus mediadores simbólicos e os quais resultam em apropriação pelos jogadores, e quais significados resultantes desta apropriação são determinantes na atuação destes jogadores.

Este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo trata dos conceitos chaves da psicologia cultural, além de abordar a teoria da atividade e a teoria macrocultural das emoções. No segundo capítulo, os caminhos metodológicos da pesquisa são detalhados. O capítulo três traz a apresentação e discussão dos resultados do estudo com os atletas de basquetebol adultos masculino da divisão especial série A-1 do campeonato paulista

⁴ Carl Ratner é psicólogo e Diretor do Institute of Cultural Research na Education, Trinidad, Ca. USA. Fonte: <http://www.humboldt.com/~cr2#back>. Acesso em 20 ago.2007. A maioria dos textos apresentados neste trabalho utilizando como embasamento teórico de Carl Ratner está em inglês e foi feita uma tradução livre pelo autor da pesquisa.

temporada 2009/2010, e, por fim, nas conclusões, apresentam-se algumas considerações finais decorrentes do presente estudo.

1 Psicologia cultural: conceitos e teorias

A grande ideia básica de que o mundo não deve ser visto como um complexo de objetos completamente acabados, mas sim como um complexo de processos, no qual objetos aparentemente estáveis, nada mais do que suas imagens em nossas cabeças (nossos conceitos), estão em incessante processo de transformação.

Aos olhos da filosofia dialética, nada mais é estabelecido por todos os tempos, nada é absoluto ou sagrado. Vê-se em tudo a marca do declínio inevitável; nada resiste e exceto o contínuo processo de formação e destruição e a ascensão interminável do inferior para o superior – um processo do qual a filosofia não passa de uma simples reflexão no cérebro pensante.

FRIEDRICH ENGELS, Ludwing Feuerbach (VYGOTSKY, 1994, p. 160).

A psicologia cultural é relativamente recente, data da metade do século XX. Porém, é possível perguntar-se qual o motivo do surgimento de mais uma abordagem na psicologia. Shweder (1999) fez-se a mesma pergunta no seu artigo intitulado *Why cultural psychology?* Ele afirma que a psicologia cultural não deve ser vista como um subcampo da psicologia, mas sim como um campo interdisciplinar. O autor pensa que é absolutamente crucial que antropólogos psicológicos representem o papel central no desenvolvimento desse campo reativo. No entanto, ele não quer dizer com isso que a psicologia cultural seja uma subárea da antropologia, mas que a razão deve-se à maior experiência destes profissionais na área. Shweder (1994) afirma ainda que os psicólogos que trabalham com a psicologia cultural (por exemplo, Hazel Markus, Shinobu Kitayama, Kuo-Shu Yang, Richard Nisbett, Lee Ross, Claude Steele, Jerome Bruner, Durganand Sinha, Joan Miller, Jan Valsiner, Jon Haidt, Paul Rozin, Biranchi Puhana, Phoebe Ellsworth, Peggy Miller, Heidi Fung, Michael Cole, Jacqueline Goodnow, Giyoo Hatano, Jim Wertsch, Patricia Greenfield, Kwang-Kuo Hwang, Ann Fernald, e muitos outros) conhecem pouco sobre antropologia, e apreciam bem a etnografia. Segundo ele, ainda, estes autores são fascinados pela ideia que há psicologias distintas associadas por modos alternativos de vida, e querem ir além dos métodos de pesquisa usados na psicologia ocidental.

Wundt⁵, já no século XIX, reconheceu quão limitante era o estilo “laboratorial” e, ao formular uma “psicologia cultural”, instou que adotássemos uma abordagem mais interpretativa e histórica para o entendimento dos produtos culturais dos seres humanos (BRUNER, 2002).

A importância do processo cultural sofreu por muitas décadas uma autoimposição de isolamento. No entanto, os psicólogos tardia e relutantemente têm sido forçados a reconhecer que os fenômenos psicológicos são constituídos de certo modo pelos processos culturais (RATNER, 2002).

Segundo o mesmo autor supracitado, esse reconhecimento tem levado ao desenvolvimento da psicologia cultural. Essa teoria tem sido amplamente aceita, pois procura compreender as maneiras como os fenômenos psicológicos perpetram a vida cultural, bem como suas interdependências com outros fenômenos culturais.

Essa abordagem, de acordo com Shweder (1999), estuda o modo como a mente humana pode ser transformada, como são conferidos seu aspecto e sua definição, e construída sua funcionalidade em um número de diferentes modos que não são uniformemente distribuídos nas comunidades ao redor do mundo.

Segundo Ratner (2002, p.9)⁶:

A psicologia cultural estuda o conteúdo, modo de operação, e o inter-relacionamento dos fenômenos que são socialmente construídos e compartilhados, e são arraigados em outros artefatos sociais. Investiga as origens, a formação, e características culturais dos fenômenos psicológicos bem com as maneiras com que o fenômeno psicológico perpetua e modifica outros artefatos culturais.

Para Cole (2003) seria uma psicologia que incorpora a cultura da mente, que trata a cultura como um aspecto central na psicologia. Nega-se a ideia de causa e efeito para se

⁵ A Psicologia, nas suas origens, (que os autores situam na data da aparição das obras de W. Wundt, **Grundzuge der Physiologischen Psychologie** e de F. Brentano, **Psychologie vom Empirischen Standpunkt**, em 1874) apresenta uma espécie de falta de "identidade epistemológica", resultante da dificuldade que se tem para identificar e definir os contornos do seu próprio objeto de conhecimento. Isso não impediu, porém, de se realizarem notáveis progressos, tanto no campo teórico como, e, sobretudo, no da sua aplicação em diversos setores da atividade social (PINO, 1990, p.61). Portanto, não que dizer que Wundt criou a abordagem cultural, mas sim, que foi seu fomentador na visão de Jerome Bruner.

⁶ Tradução livre: Cultural psychology studies the content, mode of operation, and interrelationships of psychological phenomena that are socially constructed and shared, and are rooted in other social artifacts. It investigates the cultural origins, formation, and characteristics of psychological perpetuate and modify other cultural artifacts.

explicar as relações entre a cultura e os aspectos psicológicos, supondo que a mente e a cultura se criem em processo dinâmico.

Ainda o mesmo autor trata das principais características da psicologia cultural: a ênfase na ação mediada no contexto e a concepção de que a mente emerge na atividade mediada conjunta das pessoas. Os indivíduos são considerados como agentes ativos no seu próprio desenvolvimento, mas a forma como agem nos diferentes *settings* depende da organização cultural.

Para compreender os processos culturais por meio da psicologia, requer-se uma específica e compreensiva conceitualização do que é cultura e de como a psicologia a cerca.

Boa parte do conhecimento na psicologia cultural interpreta a cultura como compartilhamento de conceitos e compreensões de coisas (RATNER, 1996). Esses conceitos sociais são vistos como formadores dos processos psicológicos. Pode-se entender, dessa forma, que o relacionamento entre psicologia e cultura é uma interação de processos mentais, sendo esta uma visão dominante nos trabalhos da psicologia cultural (HARE, 1986; KLEINMAN & GOOD, 1985; LUTZ, 1988; SHWEDER, 1990; SHWEDER & LEVINE, 1984 e SHWEDER & SULLIVAN, 1993).

Por outro lado, a cultura é mais do que compartilhar conceitos sobre significados de coisas. A cultura consiste no modo de criar as crianças, de educar a população, de produzir bens e serviços, de fazer e compeler as políticas sociais (RATNER, 1996).

No entanto, para Bruner (2002), a cultura é um sistema simbólico que os indivíduos usam para construir significados, os quais já eram lançados, ou seja, já estavam presentes e profundamente arraigados na cultura. Esse sistema constitui um tipo muito especial de kit de ferramentas comunitário que, uma vez utilizado, torna o usuário um reflexo da comunidade.

Esse kit de ferramentas é um conjunto de dispositivos protéticos com os quais os seres humanos podem exceder ou até mesmo redefinir os “limites naturais” do funcionamento humano.

A cultura, na concepção teórica de Vygotsky, é bastante importante, pois está no cerne de sua explicação sobre o funcionamento mental humano. A cultura tem relação com a existência concreta dos seres humanos em processos sociais, além de ser produto da vida social e da atividade social.

Ratner (2002) trata a cultura como um sistema duradouro de padrões comportamentais e de pensamento que são criados, adotados, e promulgados conjuntamente por um número de indivíduos. Esses padrões de comportamentos são sociais e artefactuais, ou seja, são criados pelos seres humanos em vez de serem feitos por um indivíduo isoladamente ou mesmo pela natureza. O mesmo autor afirma, ainda referindo-se aos fenômenos psicológicos, que estes são culturais, por serem artefatos culturais, devido ao seu conteúdo, seu modo de operação e por seus relacionamentos serem dinâmicos, por serem criados socialmente e compartilhados por um número grande de indivíduos, além de serem integrados a outros artefatos sociais.

Para compreender um coerente e um compreensível conceito de cultura, deve-se definir a essência da natureza e do fenômeno cultural, identificar subcategorias (espécies) de fenômenos culturais, que estão mais estritamente relacionados, em particular, com outros e a influência de seus aspectos. Deve-se também definir quais mecanismos são influenciados por ela e explicar a relação da cultura com outros elementos, como biologia e ecologia (RATNER, 2000c).

Ribas e Moura (2006) definem a cultura como construída por meio de interações dos indivíduos com o ambiente. Enfatiza, assim, a característica construtiva da cultura, colocando-a não fora dos indivíduos, como algo que pode influenciar o comportamento, mas como uma realidade subjetiva

Já a concepção de cultura descrita por Cole (2003) baseia-se, fundamentalmente, na noção de artefatos, ou melhor, na ideia de que os seres humanos se diferenciam porque vivem em um ambiente transformado pelos artefatos acumulados historicamente através de gerações anteriores.

Bruner (2002) argumenta que os psicólogos foram lentos em captar plenamente o que significou o surgimento da cultura para adaptação e funcionamento humano, e que esses dois fenômenos não se deram apenas pelo maior tamanho do cérebro humano, nem pela postura bípede, e a consequente liberação das mãos. Estes foram apenas passos morfológicos da evolução humana, que não teriam importância sem o surgimento concorrente de sistemas compartilhados de modos tradicionais de viver e trabalhar em conjunto.

Dessa forma, a divisa da história humana foi cruzada quando a cultura se tornou o fator capital para dar forma às mentes daqueles que viviam sob sua influência. Produto da história humana e não da natureza, a cultura, agora, tornou-se o mundo no qual tínhamos que nos

adaptar e o kit de ferramentas para fazer uso. Uma vez cruzado o divisor, não se tratava mais de uma mente “natural”, simplesmente adquirindo linguagem. Nem se tratava da cultura sintonizando ou modulando necessidades biológicas, mas sim interações entre os seres humanos (BRUNER, 2002).

O mesmo autor argumenta sobre a relação entre cultura e biologia. A cultura foi concebida como “sobreposta” à natureza biologicamente determinada. Supôs-se que as causas do comportamento humano se encontravam no substrato biológico. Em vez disso, é a cultura e a busca por significado dentro da cultura que são as causas adequadas da ação humana.

Jerome Bruner propõe reverter a relação tradicional da biologia e da cultura com relação à natureza humana. O autor sustenta que a herança biológica do ser humano não impulsiona ou padroniza a ação. A experiência humana não serve, portanto, como causa universal. Ao contrário, a biologia impõe restrições à ação, cujos efeitos são modificáveis. As culturas criam “dispositivos protéticos”, que nos permitem transcender os limites biológicos “brutos”.

Bruner, então, propõe uma visão inversa de que é a cultura e não a biologia que transforma a vida e a mente humana. É ela quem dá significado à ação, situando seus estados intencionais subjacentes em um sistema interpretativo. A cultura impõe os padrões inerentes aos sistemas simbólicos da cultura, sua linguagem e modos de discurso, as formas de explicação lógica e narrativa e os padrões de experiência mútua da vida comum.

Tendo como base estes conceitos de psicologia cultural e de cultura, adentra-se às duas teorias que são os pilares deste trabalho: a teoria da atividade e a teoria macrocultural das emoções.

1.1 Teoria da atividade

A teoria da atividade tem sua gênese como um desdobramento da teoria sociocultural de Vygotsky (ASBAHR, 2005; LIBÂNEO, 2004; PINO, 1990; RATNER, 2000a, ROTH, 2007). A origem da corrente sociocultural está fundamentalmente associada aos nomes de L. S. Vygotsky (1896-1934), A. N. Leontiev (1903-1977), e A. R. Luria (1902-1977), os quais

trabalharam em áreas disciplinares diferentes como a Linguística, Psicologia, Pedagogia e a Neurologia (PINO, 1990).

Os pressupostos teóricos de Vygotsky (1994) estão embasados no materialismo histórico-dialético, pautam-se principalmente no condicionamento sociocultural do desenvolvimento do psiquismo humano, que se realiza no processo de apropriação da cultura mediante a comunicação entre pessoas. Tais processos de comunicação e as funções psíquicas superiores neles envolvidas se efetivam primeiramente na atividade externa (interpessoal) e, em seguida, na atividade interna (intrapessoal) regulada pela consciência, mediados pela linguagem, em que os signos adquirem significado e sentido.

A teoria sociocultural da atividade desenvolveu-se nos trabalhos de Luria, Rubinstein e Leontiev, continuada depois por Galperin e Davydov, entre outros (LIBÂNEO, 2004).

Os psicólogos soviéticos elegem o conceito de atividade como um dos princípios fundamentais no desenvolvimento do estudo do psiquismo. Vygotsky utiliza o conceito de atividade já em seus primeiros escritos e sugere que a atividade socialmente significativa é o princípio explicativo da consciência, ou seja, a consciência é construída no ser humano, de “fora para dentro”, por meio das relações sociais. Portanto, consciência e atividade são dois elementos principais da psicologia sociocultural e devem ser entendidos como uma unidade dialética (ASBAHR, 2005). Devendo-se rejeitar o duplo reducionismo, o essencialismo idealista e o materialismo elementarista, a consciência é vista como emergindo ou constituindo-se no processo da atividade humana (PINO, 1990).

O conceito de atividade tanto em Vygotsky como em Leontiev está relacionado ao conceito de trabalho. A atividade humana é mediadora das relações do homem com a natureza, ela é, portanto, uma atividade criadora, constitutiva do ser humano, que dá a configuração da natureza humana (LIBÂNEO, 2004; PINO, 1990).

Libâneo (2004) faz uma excelente revisão sobre os trabalhos desenvolvidos a partir da teoria da atividade. Ele começa com os estudos de Leontiev seguido dos seguidores dele que se dedicaram ao desenvolvimento da teoria da atividade como Galperin (Psicologia Infantil), Bozhovich (Psicologia da personalidade), Elkonin (Psicologia evolutiva e periodização do desenvolvimento humano), Zaporoyetz (Psicologia evolutiva), Levina (Psicologia da Educação). Ele aborda a expansão dessa teoria, que se dá nos anos de 1960, para os Estados Unidos, América

Latina e norte da Europa ⁷. No Brasil, houve um considerável desenvolvimento nesse campo, na segunda metade dos anos 1980, apresentando hoje vasta bibliografia. Em relação à produção da segunda e terceira geração de pesquisadores russos de Vygotsky, incluindo Davydov, as pesquisas são mais raras, embora as existentes sejam bastante vigorosas ⁸. Também tem se estudado em outras áreas no Brasil como a Computação (LEFFA, 2005; MARTINS e DALTRINI, 2003) e na Educação Física (ARCE, 2004).

Trabalhos recentes têm discutido posições teóricas da psicologia sociocultural e da teoria da atividade, mostrando os pontos em comum e as divergências. Libâneo (2004) afirma que boa parte das divergências giram em torno do problema da internalização e da relação entre a atividade externa da criança e suas operações mentais correspondentes; questões que teriam gerado distanciamento do grupo liderado por Leontiev em relação às ideias de Vygotsky. Zinchenko (1998) reconhece a existência de duas linhas de pesquisa dentro da mesma escola: a psicologia histórico-cultural de Vygotsky e a teoria psicológica da atividade de Leontiev, com pontos de convergência e de diferenças entre elas. Esse autor, ao referir-se à principal diferença entre essas teorias, afirma que:

Para a psicologia histórico-cultural, o problema central foi e continua sendo a mediação da mente e da consciência. Para a teoria psicológica da atividade, o problema central era a orientação-objeto, em ambas as atividades mentais interna e externa. É claro que na teoria psicológica da atividade, a questão da mediação também apareceu, mas enquanto para Vygotsky a consciência era mediada pela cultura, para Leontiev a mente e a consciência eram mediadas por ferramentas e objetos (p.44).

⁷ Os estudos teóricos de autores dessa região da Europa têm trazido substantivas contribuições à teoria da atividade, realçando temas como atividade situada em contextos, a participação como condição de compreensão na prática (como aprendizagem), identidade, papel das práticas institucionalizadas nos motivos dos alunos, a diversidade cultural etc. Para um levantamento recente dessas tendências, veja-se: CHAIKLIN, S. HEDEGAARD, M. e JENSEN, U.J. *Activity theory and social practice: cultural-historical Approaches*, Aarhus (Dinamarca): Aarhus University Press, 1999, que traz textos preparados para o Primeiro Congresso da Sociedade Internacional sobre Teoria da Atividade e Pesquisa Cultural (ISCRAT). O nome dessa Sociedade mudou, recentemente, para International Society for Cultural and Activity Research (ISCAR). Na Universidade de Helsinki, Finlândia, funciona o Centro para Teoria de Atividade e Pesquisa de Trabalho Desenvolvidor, fundado em 1994, que realiza pesquisa sobre trabalho, tecnologia e organizações que estão passando por transformações, dirigido atualmente por Yrjö Engeström (LIBÂNEO, 2004).

⁸ O Grupo de Estudos sobre Teoria da Atividade, da Faculdade de Educação da USP, coordenado pelo Prof. Manoel Orosvaldo de Moura, realiza encontros de estudos e debates sobre pesquisas de professores e alunos nessa linha. Registra-se, também, que a teoria da atividade, na versão de Leontiev (1983) e seguidores, tem sido largamente utilizada em Cuba por professores dedicados à metodologia do ensino superior, que inclusive a tem difundido em países latino-americanos em cursos de Pós-Graduação realizados por convênio com instituições universitárias, inclusive brasileiras. Outros estudos no Brasil têm destacado as ideias de Vygotsky e seus seguidores para uma proposta de ensino, por exemplo, (SAVIANI, 1994; MOURA, 2002; GASPARIN, 2002; DUARTE, 2003; SFORNI, 2003) citado por (LIBÂNEO, 2004).

Após a revisão sobre a teoria da atividade acerca da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, ainda resta a dúvida sobre em que essa abordagem se relaciona com a psicologia cultural. Ratner (1996) aponta que teoria da atividade é importante para a psicologia cultural, porque expande a cultura como sendo o domínio de conceitos, enquanto a atividade é organizada em um específico sistema tecnológico-social. Realmente, a sociedade em que os seres humanos estão inseridos é construída e reconstruída pelos sistemas de artefatos para suprir as necessidades humanas.

De acordo com Ratner (2000a), há quatro tendências na teoria da atividade de Vygotsky no que diz respeito à cultura. A primeira é o *legado da coletividade humana*, pois é por meio das atividades socialmente organizadas que os seres humanos sobrevivem e se realizam. A segunda tendência é o *prático*, já que as atividades socialmente organizadas estimulam as pessoas a construir coletivamente conceitos sobre coisas e pessoas. A terceira tendência são os *fenômenos psicológicos*, que são construídos e refletem as atividades sociais. A quarta, *a cultura que consiste na prática*, com as atividades organizadas socialmente, os conceitos culturais e os fenômenos psicológicos. Ela também inclui intencionalidade humana, teleologia ou *agency*.

Por outra perspectiva, Zanella (2004) aponta também três aspectos fundamentais da atividade humana: o primeiro é ser orientado por um objetivo; o segundo, fazer uso dos instrumentos de orientação de mediação, e o último, produzir algo que podemos caracterizar como elemento da cultura, seja por sua existência física seja por sua existência simbólica, e que consista em uma objetivação do ser humano.

Zanella, ao referir-se à atividade humana como orientada por um objetivo, supõe que esse objetivo seja consciente. Embora a psique humana não se restrinja à esfera da consciência, na psicologia, é completamente lícito falar do psicologicamente consciente e inconsciente.

Com relação ao segundo aspecto, Zanella (2004) afirma que foi desenvolvido por Vygotsky, o qual se refere aos signos como instrumentos psicológicos produzidos socialmente e utilizados pelos seres humanos na comunicação com os outros, os quais se relacionam entre si e consigo mesmo.

No último aspecto, a autora destaca que, no processo de produção da cultura, o ser humano ao mesmo tempo em que se objetiva, ele se subjetiva, ou seja, “o resultado da

atividade humana é tanto a produção de uma realidade humanizada quanto à humanização do sujeito que a empreende, em face da relação inexorável entre sujeito e sociedade” (p.131).

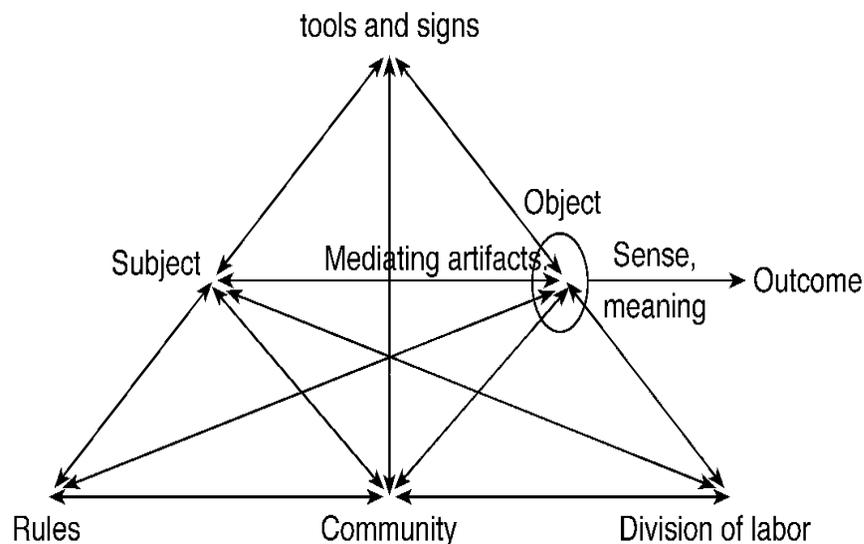
Em relação a isso, Libâneo (2004, p.119), na mesma direção, destaca que:

A estrutura da atividade é constituída pelas necessidades, motivos, finalidades e condições de realização da atividade. A atividade surge de necessidades, as quais impulsionam motivos orientados para um objeto. O ciclo que vai de necessidades a objetos se consuma quando a necessidade é satisfeita, sendo que o objeto da necessidade ou motivo é tanto material quanto ideal. Para que esses objetivos sejam atingidos, são requeridas ações. O objetivo precisa sempre estar de acordo com o motivo geral da atividade, mas são as condições concretas da atividade que determinarão as operações vinculadas a cada ação.

Asbahr (2005) corrobora com esta ideia ao dizer que a natureza de objeto da atividade não se restringe aos processos cognitivos, mas à esfera das necessidades e à esfera das emoções, e que a necessidade é quem dirige e regula a atividade. Dessa forma, com relação aos instrumentos, os homens, ao longo da sua história, construíram vários deles para satisfazerem suas necessidades, e, ao fazê-los, surgiram novas necessidades e, assim, novas atividades, superando as necessidades biológicas, construindo, desse modo, a humanidade.

Esses construtos delineados até o momento podem ser representados na figura 1, desenvolvida por Engeström (2001, p.135)⁹, que mostra as relações que se estabelecem entre os componentes de uma comunidade, à qual Ratner vai designar por instituição que, especificamente no caso desta pesquisa, é um clube de basquete masculino adulto da divisão

⁹ Tradução livre: FIG. 2. The structure of a human activity system (Engeström, 1987, p. 78).



especial série A-1 do campeonato paulista temporada 2009/2010. Esse ponto será discutido posteriormente.

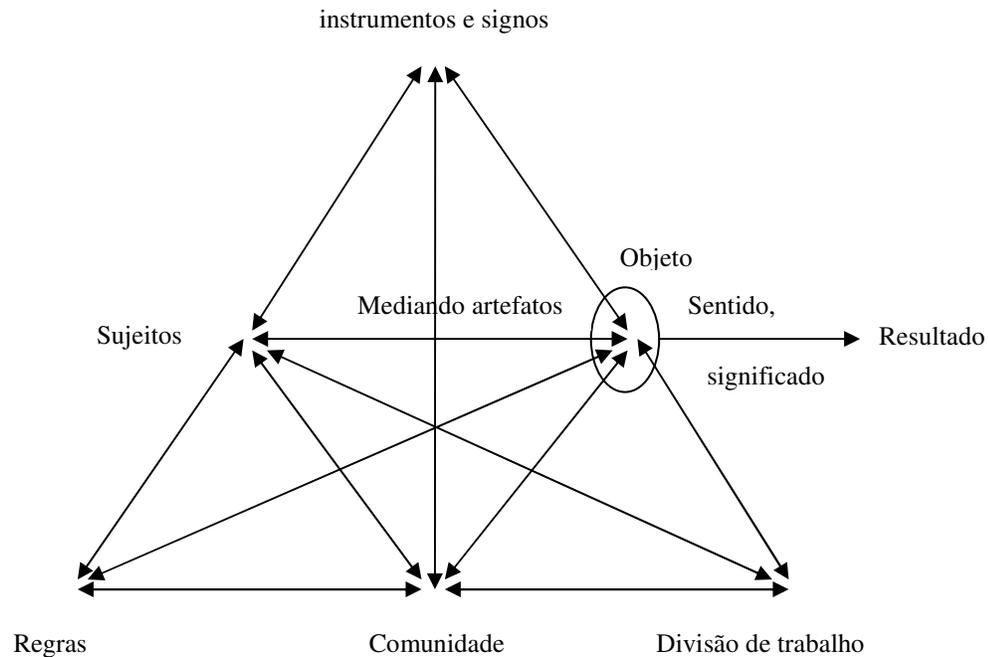


FIGURA 1: A estrutura de um sistema da atividade humana
 FONTE: Engeström (2001, p.135).

Os sujeitos são representados pelos atletas de basquetebol da divisão especial série A-1 do campeonato paulista temporada 2009/2010, que se relacionam com a comunidade (Clube) – colegas, comissão técnica, dirigentes, familiares, torcida etc. – por meio de regras que são aceitas por todos, de acordo com o papel que cada um exerce na comunidade, levando em consideração a divisão de trabalho que visa um objetivo compartilhado por todos. Esse objetivo traz um significado para os envolvidos, que os leva, neste caso, a um resultado.

A teoria da atividade apresenta três momentos importantes para instituição, composta pelos atletas mais especificamente neste estudo. O primeiro momento é ter um objetivo, o atleta ou a instituição deve ter isto bem claro; o segundo, é aquisição de um instrumento, que é um signo, e como tal tem um significado para o grupo. No terceiro momento, temos a mediação para aquisição destes instrumentos para consecução de um objetivo, ou seja, o atleta precisa apropriar-se dos conceitos básicos envolvido na ação para que o resultado final seja alcançado.

Segundo Ratner (2000a, 2000b, 2000c, 2002), a teoria da atividade está relacionada aos fenômenos culturais, em virtude disso, ele enumerou cinco fatores culturais que organizam a psicologia:

- As atividades culturais – elas são básicas para os modos com que os seres humanos interagem com objetos, pessoas e consigo mesmo. É justamente por meio das atividades que os indivíduos sobrevivem e se desenvolvem;
- Os valores culturais, esquemas, significados e conceitos – as pessoas coletivamente adotam objetos com significados, que, às vezes, variam de valor em diferentes sociedades;
- Os artefatos físicos – como exemplo pode-se citar os instrumentos, brinquedos, jogos, armas e tecnologia etc., que são construídos coletivamente. No basquetebol, por exemplo, pode ser citado o ginásio, a bola, a quadra, o apito dentre outros;
- Os fenômenos psicológicos – as emoções, percepções, motivações e personalidade, dentre outros, que são construídos e distribuídos coletivamente.
- A agency – ativamente humanos constroem e reconstroem o fenômeno cultural. Essa agency é direcionada à construção do fenômeno cultural e também está influenciada pela existência das atividades culturais, dos valores, dos artefatos e da psicologia.

Sobre o fenômeno cultural, Ratner (2000c) afirma que estes são vistos no sentido proposto por Durkheim como fatos sociais, pois são criados e compartilhados coletivamente.

Assim, para a psicologia em foco no presente estudo, tem-se que os fatores culturais que a organiza, segundo Ratner (2002)¹⁰ são as atividades, os artefatos e os conceitos.

¹⁰ Tradução livre: Ratner (2002, p.11).

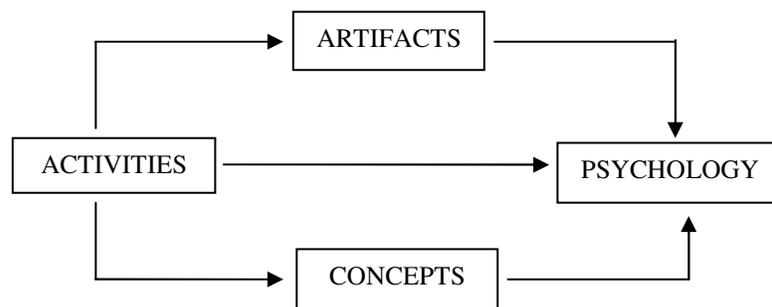


FIGURE 1.1. Psychology, activities, artifacts and concepts according to Vygotsky.

Para mostrar a importância destes construtos, estes são considerados como um sistema. Essa preposição pode ser representada esquematicamente na figura 2.

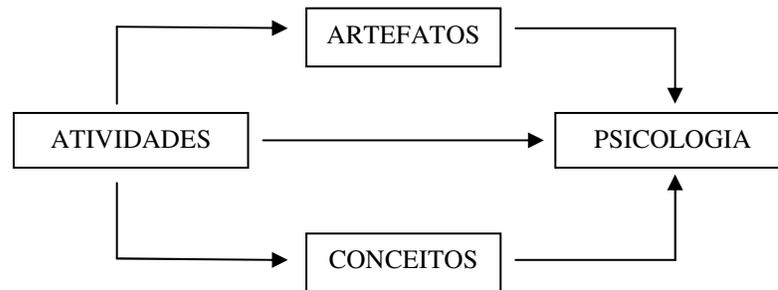


FIGURA 2: Psicologia, atividades, artefatos e conceitos.
 FONTE: Ratner (2002, p.11).

A figura 2 enfatiza a dependência da psicologia de outros fatores culturais, como as atividades culturais, os conceitos e os artefatos. Há um domínio das atividades sobre todos os outros fatores. Esses fatores são detalhados a seguir.

1.1.1 Atividades culturais

As atividades culturais são formas da vida social, ou categorias da vida social que a população constrói para suprir uma necessidade existencial fundamental, não são, portanto, atos pessoais. As atividades culturais podem existir em diferentes categorias de institucionalização formal, como na econômica, política, educacional, nas atividades religiosas e *porque não na esportiva* (RATNER, 2002, grifo meu).

Damiani (2006) entende atividade cultural como um sistema de interação humana continuada dirigida a um objeto, historicamente condicionada, dialeticamente estruturada e mediada por instrumentos, corroborando, portanto, com a figura 1.

As atividades culturais possuem certos aspectos gerais e universais, bem como específicos e variáveis. Segundo Ratner (2002) os aspectos gerais são:

- objetivar várias metas;
- serem divididos dentro de tarefas particulares;

- cada tarefa envolver status, recompensas (incluindo remunerações), oportunidades, direitos e responsabilidades;
- cada tarefa ser governada por normas, que são reforçadas formalmente e informalmente;
- as normas de cada tarefa governarem o comportamento físico e os relacionamentos sociais entre os participantes. No caso do basquete, por exemplo, podem ser as comemorações e as formas de se tratar os atletas, que estruturam as emoções, percepções, memória, inteligência, personalidade, e outros fenômenos psicológicos.
- qualificações serem estipuladas para engajamento em tarefas particulares, tais como experiência, educação, etnia, classe, gênero, idade e aparência;
- serem relacionados a outras atividades na divisão do trabalho.

Os aspectos gerais das atividades culturais ocupam formas específicas e distintas em períodos históricos particulares. Por exemplo, o time de basquete pode diferir grandemente em diferentes sociedades, no entanto, é importante explorar estas características sociais específicas, pois concedem aspectos distintivos para o fenômeno psicológico (RATNER, 2002).

No contexto do basquete, os envolvidos participam de uma variedade de práticas sociais, que envolvem geralmente artefatos. Essas práticas sociais servem para motivá-los a uma meta, pois desenvolve-se, com isso, habilidades cognitivas, que se dão por meio das apropriações de conceitos, necessitando de mediações entre os envolvidos, já que tais habilidades não se desenvolvem no isolamento social.

Cada atleta passa, assim, a ter um papel social, e esse papel social é o elo entre atividade cultural e a psicologia. O indivíduo desempenha o papel de uma porção particular de uma atividade e estrutura sua psicologia de acordo com sua ação.

Ratner (2002) designa o conceito de papel social como o papel chave para a definição de pessoa, e este o é também para a definição de instituição, pois é o elo entre a pessoa e a estrutura social.

Ainda segundo o autor, o papel social é o ponto de contato em que o indivíduo encontra-se no sistema social. Desse modo, os agentes sociais estão situados em um local no espaço social, que é um lugar distinto e distintivo que pode ser caracterizado por uma posição relativa que ocupa em outros lugares (acima, abaixo, entre, etc) e a distância que os separa.

O papel social pode ser a “unidade de análises” da teoria da atividade, o lócus onde a psicologia acontece na forma cultural. Em outras palavras, quando se deseja analisar as emoções em jogadores de basquete, deve-se concebê-los como sendo aspectos dos papéis sociais. Deve-se, portanto, investigar a (possível) interdependência entre os aspectos específicos dos papéis sociais e os fenômenos psicológicos.

Sabendo que, a unidade de análise é o lócus onde se dá o fenômeno psicológico, é importante compreender que a atividade cultural, juntamente com os artefatos e os conceitos culturais – que são os organizadores dos fenômenos psicológicos – acontece de duas maneiras. Na primeira, elas diretamente formam o fenômeno psicológico por tratamentos individuais e de modo particular. Na segunda, elas agem indiretamente como modelos que os indivíduos formulam na construção de sua psicologia. Por exemplo, no basquete temos as exigências dos clubes e da comissão técnica em torno de seus atletas (funcionários). As atividades culturais servem como modelos, que, no caso do basquete, deflagram-se na forma como os atletas se tratam, interagindo entre si e com as outras pessoas. As atividades culturais, juntamente com os conceitos e os artefatos, são uma forma de afetar a psicologia.

1.1.2 Artefatos

Os artefatos são constituintes fundamentais da cultura, pois a cultura é um sistema de artefatos; já que os seres humanos se diferenciam porque vivem em um ambiente transformado pelos artefatos, acumulados historicamente através das gerações passadas (COLE, 2003).

Vygotsky (1994) foi o primeiro a correlacionar o estudo de Engels sobre o trabalho humano ao uso de instrumentos, os quais são utilizados pelos homens como meios para transformar a natureza e, ao fazê-lo, transformarem a si mesmos.

O que se pode abstrair da fala de Vygotsky é que a atividade cultural, representada aqui pelo basquete pode transformar o ser humano, utilizando, para isso instrumentos, conferindo a esta modalidade esportiva uma especificidade criadora, ao mesmo tempo em que revela o nível de desenvolvimento cultural do homem (PINO, 2000).

Os instrumentos são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana, mudando a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural. Como exemplo, na infância, esse desenvolvimento se dá de duas formas: através do uso de instrumentos e da fala (VYGOTSKY, 1994). Esse último aspecto será abordado posteriormente.

Vale observar que, em relação aos artefatos e instrumentos, quando se trata dos instrumentos abordados neste trabalho, se relacionam com os objetos criados pelos seres humanos como bolas, tabelas de basquete, uniforme, apito e etc. Enquanto que por artefatos, que tradicionalmente, tem-se como um objeto material, serão tratados aspectos do mundo material que foram modificados ao longo da história e de sua incorporação objetivo-direcionado a ação humana. Em virtude das mudanças feitas no processo de sua criação e uso, os artefatos são simultaneamente *ideal* (conceitual) e *material*. Serão denominados por *ideal* se seus materiais tiverem sido compartilhados por sua participação em interações de que eram previamente parte e que, atualmente, as mediam. Pode-se citar a linguagem como a forma mais comumente notável de artefato (COLE, 2003).

Segundo o autor, baseado nos estudos de Marx Wartofsky, há três níveis de artefatos: primários, secundários e terciários. O primeiro é utilizado diretamente na produção, como palavras, instrumentos de composição, redes de telecomunicações, e personagens da cultura mítica. Os artefatos primários correspondem ao conceito fechado de artefato como matéria transformada pela atividade humana.

Os artefatos secundários consistem nas representações dos artefatos primários e de modos de ação que usam artefatos primários. Eles incluem receitas, crenças tradicionais, normas, constituições, e, por isso, representam um papel central na preservação e transmissão dos modos de ação e crenças.

Os artefatos terciários de Wartofsky são resultado da interação com os artefatos terciários quando podemos transpor o contexto imediato de seu uso. Na sua concepção, o autor os aplica aos trabalhos de arte e processos e de percepção. No entanto, Cole faz um link com a noção de schemas e scripts, por um lado, e, por outro lado, com a noção de contexto, mediação e atividade.

Ratner (2002) enfatiza os efeitos que os instrumentos têm sobre a consciência. Embora, nem todos os artefatos afetem a psicologia por meio de suas propriedades físicas, uma boa parte deles a afeta no conteúdo que é inscrito em/no artefato mais do que em suas

propriedades. Ou seja, muitos instrumentos ou artefatos que há no basquete podem ter um significado para os atletas, ou mesmo interferir no seu desempenho emocional e conseqüentemente esportivo. Destarte, esse é o questionamento central deste estudo: quais os artefatos e instrumentos culturais que estão presentes no basquetebol, e que, portanto, são mediadores simbólicos que resultam em apropriação pelos jogadores? Quais significados resultantes desta apropriação são determinantes na atuação destes jogadores?

Se um artefato tem um efeito estável intrínseco à psicologia, ou um efeito variável, têm conseqüências na mudança do fenômeno psicológico. Os artefatos, cujas características físicas intrinsecamente organizam os fenômenos psicológicos em modos estáveis, necessitam ser transformados fisicamente, para estimular novos aspectos psicológicos. Por exemplo, instrumentos musicais, jornais, lápis, computadores e muitas máquinas não necessitam ser “redesignados” para estimular novos aspectos psicológicos, precisam somente ser usados de modo diferente, para finalidades diferentes, a fim de promover características psicológicas novas (RATNER, 2002).

Para os artefatos serem utilizados de modo diferente ou para finalidades distintas precisam ser vistos como signos (ver figura 1). Os signos são produtos das condições específicas do desenvolvimento social. O uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento, que se destaca do desenvolvimento biológico, e cria novas formas de processos enraizados na cultura (VYGOTSKY, 1994).

Vygotsky mostra a relação lógica entre o uso de signos e o de instrumentos. O esquema da figura 3 mostra esses conceitos incluídos dentro de atividades indiretas (mediadas¹¹).

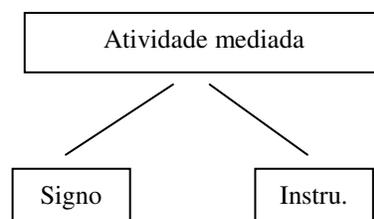


FIGURA 3: Relação entre signos, instrumentos e atividade mediada.
FONTE: Vygotsky (1994, p.71).

¹¹ De acordo com Vygotsky, as relações entre as pessoas podem ser de dois tipos: mediadas ou imediadas. São imediadas aquelas que se baseiam nas formas instintivas do movimento e da ação expressiva (automática, instintiva). Em um nível superior de desenvolvimento aparecem, sem dúvidas, relações mediatizadas entre as pessoas, cuja característica essencial é o signo, e que com sua ajuda se estabelece essa comunicação. Desse modo, a forma superior de comunicação – mediatizada pelo signo – cresce a partir das formas naturais de comunicação imediata: não obstante, elas se diferenciam, essencialmente, entre si (ZANELLA, 2004, p.130).

De acordo com Vygotsky (1994), a diferença mais essencial entre o signo e instrumento consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano.

A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade. “O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo. O signo é orientado *internamente*” (VYGOTSKY, 1994, p.73).

Nos estudos de Vygotsky, o termo função psicológica superior ou comportamento superior serve como referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica.

Smolka (2000) aponta uma distinção crucial nas orientações das atividades, instrumentos e signos. Os instrumentos são dirigidos “para fora”, eles se caracterizam geralmente por sua finalidade e especificidade. Os signos são dirigidos “para dentro”, e, em sua materialidade simbólica, são marcados por uma não-especificidade (caráter difuso, contornos embaçados), pela impregnação (caráter seminal e permanente) e pela reversibilidade (direcionado para o outro e para si).

No basquetebol, o corpo é parte fundamental para a sua consecução e, em virtude disso, tem os seus signos. Smolka (2000) comenta que o corpo e a palavra são signos, ocorrendo de forma sempre dinâmica, flexíveis, historicamente estabilizadas e sempre significativas, requerendo, assim, o seu significado, pois o corpo está dentro do mundo social, mas o mundo social está dentro do corpo. Isso acontece de tal forma que o psiquismo interno não pode ser analisável como uma coisa, podendo somente ser compreendido e interpretado como um signo (SMOLKA, 1992). O significado acontece através da atividade mental, que é uma função da relação com o outro, que é de caráter semiótico, por isso requer a sua interpretação (SMOLKA, 2000).

Levando em consideração que os instrumentos envolvidos no basquete são signos, e, por conseguinte, têm o seu significado, é relevante sabê-los. Para esse fim, faz-se necessário saber os conceitos apreendidos pelos atletas, sabendo que esses conceitos se dão pela apropriação dos mesmos, estes são pontos a ser discutidos a seguir.

1.1.3 Conceitos culturais

O conceito cultural é outro fator que organiza a psicologia humana sobre a natureza das coisas e das pessoas. O termo conceito cultural é objetivado na linguística e tem sido considerado, por muitos psicólogos culturais, o principal organizador cultural na psicologia (RATNER, 2002).

Schroeder (2007) trata os conceitos como generalizações, cuja origem encontra-se na palavra internalizada¹², que se transforma em signo mediador, uma vez que todas as funções mentais superiores são processos mediatizados e os signos são meios usados para dominá-los e dirigi-los.

O conceito, para Vygotsky (2004, p.122), “é um sistema de apreciações, reduzidas a uma determinada conexão regular. Quando operamos com cada conceito isolado, o essencial está em o fazemos ao mesmo tempo com todo o sistema”.

Já para Fontana (1996), os conceitos são produtos históricos e significantes da atividade mental mobilizada a serviço da comunicação, do conhecimento e da resolução de problemas. Os conceitos carregam consigo as marcas e as contradições do momento histórico em que se desenvolveram e consolidaram os movimentos de re-elaboração e de rearticulação no jogo das forças sociais.

Segundo Schroeder (2007), embasado na teoria de Vygotsky, os conceitos são instrumentos culturais orientadores das ações dos sujeitos em suas interlocuções com o mundo e a palavra se constitui no signo para o processo de construção conceitual. O conceito não é percebido como uma estrutura isolada e imutável, mas como uma estrutura viva e complexa do pensamento, cuja função é comunicar, assimilar, entender ou resolver problemas (SCHROEDER, 2007).

Vygotsky (1993) distingue três fases no processo de formação de conceitos. A primeira é denominada de conglomerado vago e sincrético de objetos isolados. A segunda é a do pensamento por complexos. Nessa fase, os objetos isolados se associam na mente da criança devido às impressões subjetivas e às relações que de fato existem entre esses objetos. Um complexo é um agrupamento concreto de objetos e fenômenos unidos por ligações factuais. Essa

¹² O conceito de internalização será abordado no tópico sobre apropriação.

fase é importante porque há nela um momento chamado de pseudoconceito, bastante semelhante ao conceito propriamente dito e, inclusive, elo para a formação dos conceitos. A terceira fase é a formação de conceitos. Vygotsky a distingue da fase de pensamento por complexos, afirmando que para formar conceitos é necessário:

abstrair, isolar elementos, e examinar os elementos abstratos separadamente da totalidade da experiência concreta de que fazem parte. Na verdadeira formação de conceitos, é igualmente importante unir e separar: a síntese deve combinar-se com a análise. O pensamento por complexos não é capaz de realizar essas duas operações (p.66).

No processo de formação conceitual, a palavra é parte fundamental e o significado da palavra sofre uma transformação, ou seja, o significado de uma palavra não se encerra com o ato de sua simples aprendizagem. A palavra pode alcançar significados muito mais elaborados de categorização e generalizações (SCHROEDER, 2007).

Para isso, é preciso que no processo de formação conceitual sempre haja o resultado de uma intensa e complexa operação com a palavra ou o signo, com a participação de todas as funções intelectuais básicas (SCHROEDER, 2007).

Conforme Vygotsky (1993, p.50):

A formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa em que todas as funções básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reproduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução de problema que enfrentamos.

A compreensão do processo de formação de conceitos pelo sujeito é um dos pontos de preocupação de Vygotsky e suas considerações a respeito constituem uma grande contribuição de seu pensamento. Para ele, no conhecimento do mundo, os conceitos são imprescindíveis, pois com eles o sujeito categoriza o real e lhe conforma significados.

Segundo Ratner (2002), os psicólogos culturais têm demonstrado que, os conceitos culturais concedem um conteúdo específico e um modo operante tanto nas emoções como também na percepção, memória, raciocínio lógico, agressão dentre outros.

Os conceitos emocionais têm uma importância muito grande dentro do contexto do basquetebol, mesmo não sendo o objetivo principal deste trabalho fica o registro de relevo do

tema. Os conceitos culturais são produtos coletivos, de modo que, eles emergem dos processos sociais de negociação e transcendem algumas ideias individuais.

A teoria da atividade aponta que os conceitos culturais são formados e refletem a organização social das atividades, que constroem os conceitos como dependentes das atividades da vida-real, pelo que governa pessoas, educa, procriam e produzem seus significados de subsistência (RATNER, 2002).

Muitos dos conceitos refletem as atividades da vida real, porque eles são formulados por meio de instituições estabelecidas, como agências de governo, organizações religiosas, fundações, agência de publicidade, cientistas, sociedade artística, noticiários e indústrias de entretenimento. Certos conceitos são modificados por essas instituições. Assim, é primordial identificar os elementos das atividades sociais, que são incorporados dentro de diversos conceitos para compreender a psicologia cultural. Essa compreensão passa pelo construto da apropriação, pois só assim podem-se entender melhor os conceitos emocionais envolvidos no contexto do basquetebol.

1.1.3.1 Apropriação

Antes de adentrar ao conceito de apropriação faz-se necessário pontuar o conceito de internalização para melhor compreender o conceito de apropriação.

O construto da internalização tem sido amplamente discutido, sobretudo nas últimas décadas (SMOLKA, 2000). Para essa autora o conceito da internalização foi identificado como um construto teórico central no âmbito da perspectiva sociocultural, que se refere ao processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano como uma incorporação da cultura, como domínio dos modos culturais de agir, pensar, de se relacionar com outros e consigo mesmo.

Vygotsky (1994) chama de internalização a reconstrução interna de uma operação externa. Afirma, ainda, que o processo de internalização consiste numa série de transformações. A primeira, uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é construída e começa a ocorrer internamente. A segunda, um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. A terceira, a transformação de um processo interpessoal num

processo intrapessoal, que é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.

Daniels (1994) resume os quatro pontos principais do estudo de Vygotsky sobre a internalização. O primeiro refere-se ao fato de que a internalização não é um processo de cópia da realidade externa em um plano interno preexistente, mas é um processo em que se forma um plano interno de consciência. O segundo, refere-se à realidade externa como uma realidade interacional social. O terceiro, diz que o mecanismo específico é o domínio das formas dos signos externos. O quarto ponto afirma o plano interno de consciência assume uma natureza, quase que social, por causa de suas origens.

De acordo com Vygotsky (1994), o construto da internalização de formas culturais explica-se pela reconstrução da atividade psicológica, baseada na operação de signos.

Essa operação dá-se através de processos semióticos, os quais são mediados pela linguagem. Assim, a linguagem e a cognição são mutuamente constitutivas nos processos semióticos, ou seja, a relação interna e o funcionamento dinâmico entre o pensamento e a fala (SMOLKA, 2000).

O significado é fundamentalmente social, tendo como esfera de contato um clube de basquete, ou seja, o lócus da produção de significado, o seu funcionamento é intermental¹³ e está inerentemente relacionado ao aspecto interno da fala. O lugar do significado é, portanto, o espaço social, que não pode ser localizado dentro ou fora do indivíduo e não pode ser simplesmente configurado como um espaço físico. O significado transcende os limites entre o individual e o social. O organismo e o mundo encontram-se no signo (SMOLKA, 2000).

Esse processo de entender o significado entre o social e o individual dá-se pelo construto da apropriação. Segundo Smolka (1992), o termo apropriação poderia ser usado como um sinônimo de internalização. Sua justificativa para tal passa pelo enfoque de Vygotsky, dados os aspectos genéticos e funcionais no processo de internalização da fala; por outro lado, a autora apoia-se em Bhaktin, para dizer que o enfoque está no encontro dinâmico ou na interanimação de várias vozes em contato, citando o processo de apreensão de “palavras alheias” que se tornam “palavras próprias alheias”, até serem transformadas em “palavras próprias” no movimento de constituição individual.

¹³ Termo cunhado de Wertsch (1993, p.26) que prefere o termo intermental ao invés de interpsicológico e intramental a intrapsicológico.

Smolka (1992, 2000) ao tratar do construto da apropriação dá um passo além dos estudos desenvolvidos por Vygotsky. Para a autora, o processo de apropriação é um movimento singular de transformação da fala social em “propriedade privada”. Portanto, o termo apropriação refere-se a modos de tornar próprio, de tornar seu; também, tornar adequado, pertinente, os valores e normas socialmente estabelecidos.

Para Pino (2000), a apropriação é resultado de um lento processo de reconstrução pelo indivíduo, sendo esse o verdadeiro significado do conceito de internalização. Esse mecanismo acontece simultaneamente à apropriação do saber e do fazer pela sociedade.

No instante em que ocorre a apropriação, as palavras do outro se tornam anônimas e a consciência se monologiza. Para Smolka (1992), parece haver um movimento simultâneo de aquecimento das origens no momento em que se assume a palavra como sendo própria ou de si mesmo. Assumir e enunciar as próprias palavras é formulá-las no contexto, no fluxo do discurso de outros.

Sforni (2003) afirma que, apropriar-se do conteúdo do conceito e da forma de interação dele com a realidade não é um processo simples, exige uma mediação intencional sobre esses dois aspectos.

No processo de apropriação, o indivíduo reproduz em sua própria atividade as capacidades humanas formadas historicamente. Por isso, para Leontiev, a apropriação ou reprodução (adequada, mas não idêntica) pelo indivíduo das capacidades sociais é um tipo especial de atividade (SFORNI, 2003).

A apropriação se dá pela mediação entre os indivíduos de uma sociedade, ou de um grupo, que pode ser um clube de basquete. Esse tema é o próximo a ser discutido.

1.1.3.2 Mediação

O conceito de mediação é central na obra de Vygotsky (WERTSCH, 1993). Para Lane (1997) a linguagem e as emoções são duas mediações fundamentais na constituição do indivíduo. São extremamente relevantes para se entender as relações emocionais no contexto do basquetebol, e quais as implicações destas relações para os atletas.

No sentido mais amplo do termo, a mediação é toda a intervenção de um terceiro “elemento” que possibilite a interação entre os termos de uma relação. O termo mediação é utilizado para designar a função que os sistemas gerais de sinais desempenham nas relações entre os indivíduos e destes com o seu meio. Mais especificamente, é utilizado para designar a função dos sistemas de signos na comunicação entre os homens e na construção de um universo sociocultural (PINO, 2000).

O mesmo autor chama de mediação semiótica, a mediação dos sistemas de signos, que se dá na construção de instrumentos e sistemas de signos pelos seres humanos para permitir transformar e conhecer o mundo, comunicar suas experiências e desenvolver novas funções psicológicas.

Ratner (1995) relata sobre três espécies de mediação: a consciência (ou atividade mental), a cooperação social (socialidade) e os instrumentos (tecnologia). A consciência é que processa as informações, ou seja, analisa, sintetiza, delibera, interpreta, planeja, lembra, sente e decide. A consciência é também autoconsciente, isto é, a consciência dá conta do seu próprio estado de atividade. A socialidade é uma atividade conjunta coordenada, que inclui cooperação, comunicação detalhada, partilha, cuidado de outros, sacrifício por outros, aprendizagem de si mesmo, à medida que interage com outros, e compreensão das intenções, metas, pensamentos e sentimentos dos outros indivíduos. Os instrumentos são implementos físicos visando a ampliar o leque de possibilidades do ser humano. A consciência, a socialidade e os instrumentos organizam a sensibilidade aos estímulos, a percepção, a compreensão e a memória, e as reações a eles.

Vygotsky trata de dois tipos de mediadores externos: os instrumentos, orientados para regular as ações sobre os objetos, e os signos, orientados para regular as ações sobre o psiquismo das pessoas. A natureza reversível dos signos torna-os particularmente aptos à regulação da atividade do próprio sujeito, fazendo deles mediadores na formação da consciência, “experiência das experiências” (VYGOTSKY, 1993).

Uma das maiores contribuições de Vygotsky à teoria da atividade humana reside na associação que ele faz entre instrumentos técnicos e sistemas de signos, em particular o linguístico. O que caracteriza a atividade humana é o fato de ela ser mediada “externamente”, pelos instrumentos técnicos, orientados para regular as ações sobre os objetos, e pelos sistemas de signos, orientados para regular as ações sobre o psiquismo dos outros e de si mesmo. A

incorporação dos signos à atividade instrumental (mero uso de instrumentos) confere a esta sua dimensão humana. Ao analisar a ação dos signos na atividade humana, Vygotsky faz do significado das palavras a “unidade de análises”. Isso porque a palavra constitui, segundo ele, o “microcosmos” da consciência, aquilo em que ela se reflete, como o universo se reflete no átomo (PINO, 1990).

A experiência humana é construída no mundo intelectual individual dos seres humanos, que se desenvolve em uma constante interação com o funcionamento do espaço semiótico ou mundo intelectual no qual a humanidade e a sociedade humana estão inseridas. Nesse espaço semiótico, ou cultural, são gerados diferentes meios mediacionais para a comunicação no interior das interações humanas, de modo que a interação entre a forma de cada tipo de meio mediacional e o conteúdo mediado constitui um texto dentro de outro texto (FÁVARO, 2005).

Ratner (1995) colabora com essas ideias ao suscitar que a interação e a comunicação com outros estimula as pessoas a explicar suas intenções e significados de modo que possam ser reconhecidos pelos outros. Ideias e sentimentos elementares devem ser organizados, sistematizados e objetificados para que sejam identificáveis pelos outros. Essa objetificação modifica as ideias em conceitos que podem ser controlados e manipulados pelo próprio indivíduo. Agir para os outros fortalece o pensamento conceitual por parte do indivíduo.

Fávaro (2005) chama a atenção para os caminhos distintos pelos quais os signos adquirem significados, e mais especificamente, para os diferentes caminhos pelos quais os signos mediam significados. O signo é como um ponto de partida para a análise da mediação semiótica, considerando que ele existe na criação de uma relação de representação, entendido como uma conexão estabelecida pelo veículo-signo (ou representem) entre algum objeto (aquilo que o signo representa) e uma interpretação (a “cognição da mente” ou representação mental, criada pelo signo na sua representação do objeto). Pode-se dizer, então, que a ideia de signo é inerente às representações sociais, de modo que, as representações sociais são formas de mediação semiótica.

Levando-se em conta que as mediações emocionais são importantes no ambiente esportivo, e que pode trazer implicações para o desempenho dos atletas, a seguir há uma discussão da teoria macrocultural das emoções de Carl Ratner, juntamente com outros autores da psicologia cultural.

1.2 Teoria macrocultural das emoções

A emoção é um tema importante e básico para a psicologia cultural (WIERBICKA, 1993). O conteúdo social das emoções é complexo de adentrar por serem elas marcadas tipicamente como a mais pessoal ou como a mais natural das funções psicológicas (RATNER, 1995). O tema emoção não é novo, pois é debatido desde Platão e Aristóteles, e nos últimos anos, há um incremento nas pesquisas sobre as emoções em várias áreas do conhecimento como Psicologia, Neurologia, Sociologia, Antropologia, Ciência da Computação, Jornalismo e Economia, dentre outras (BARRET, 2006).

Mas o que é uma emoção? A etimologia da palavra emoção nos leva ao latim “mover alguma coisa”. Até meados do século XVIII, a palavra emoção, no inglês, significava “movimento”. Depois o seu significado assumiu um sentido político de agitação e distúrbio. Foi somente no final do século XVIII, que o termo ficou conhecido como uma acepção de sentimento (RATNER, 2000a).

Segundo Campos, Frankel e Camras (2004, p.379)¹⁴, a emoção:

é um processo que registra o significado de um evento físico ou mental, e de como esse significado individual se constrói. A natureza do significado (percepção de um insulto, ameaça à vida, depreciação pelo outro, abandono de um estado desejado, fuga ou resolução de um problema, etc.) determina a qualidade da emoção. De acordo com a percepção do significado, determina-se a magnitude da resposta emocional, bem como sua urgência.

Rimé, Mesquita, Philippot e Boca (1991, p.436)¹⁵ afirmam que:

¹⁴ Tradução livre: Emotion is a process that registering the significance of a physical or mental event, as the individual construes that significance. The nature of the significance (perceived insult, threat to live, depreciation by another, relinquishment of a desired state, avoidance or resolution of a problem, etc.) determines the quality of emotion. The degree of perceived significance determines the magnitude of the emotional response, as well as its urgency.

¹⁵ Tradução livre: There is a consensus in contemporary research that emotion should be defined as a sequence of events involving antecedent conditions followed by multi-faceted responding-experiential, physiological, cognitive, expressive and behavioural-and immediately concluded by self-control or a self-restoration procedure. Most empirical studies and theoretical debates evolve from this view, which is particularly well illustrated by the research on emotion knowledge (e.g. Scherer, Wallbott, & Summerfield, 1986; Shaver, Schwartz, Kirson, & O'Connor, 1987).

Há um consenso na pesquisa contemporânea de que a emoção deve ser definida como uma sequência de eventos que envolvem circunstâncias antecedentes, seguidas por repostas multifacetadas – experiencial, fisiológica, cognitiva, expressivas e comportamentais – e imediatamente concluídas pelo autocontrole ou pelo procedimento de autorrestauração. Os estudos empíricos e os debates teóricos evoluem esta visão que é particularmente bem ilustrada nas pesquisas do conhecimento da emoção (por exemplo, SCHERER, WALLBOTT & SUMMERFIELD, 1986; SHAVER, SCHWARTZ, KIRSON & O'CONNOR, 1987).

Mesquita e Albert (2007) e Mesquita e Jeu (2007) concebem a emoção como um fenômeno aberto multifacetado, que são formados para serem eficazes nos seus contextos socioculturais em que ocorrem. Eles postulam que essas facetas múltiplas da emoção como a situação antecedente, a avaliação, a prontidão e o significado, juntos constituem o processo das emoções. Ademais, as emoções não são vistas como invariantes, eventos discretos, mas ao invés disso, são agregadas a elas produção dos diferentes aspectos das emoções.

A teoria macrocultural das emoções é designada dessa forma porque explica as emoções como um fenômeno psicológico que tem relevância na prática cultural (RATNER, 2007). Segundo este autor, essa abordagem explica como as emoções e todo fenômeno cultural são enraizados em fatores macroculturais tais como as instituições sociais, os artefatos e os conceitos culturais. Deste modo, as emoções têm em suas origens, características e funções culturais, porque os seres humanos sempre vivem em um específico espaço cultural, e as emoções nos ajuda a navegar neste espaço cultural (MESQUITA e JEU, 2007).

De acordo com Ratner (2007), a teoria macrocultural das emoções esforça-se para explicar as bases da cultura, caráter, funções das emoções e fenômeno psicológico em geral, como aprofundados em fatores macroculturais, deduzindo isso da explanação teórica Darwiniana, que está resumidamente em cinco pontos. O primeiro trata a cultura como um mecanismo adaptativo exclusivo que os seres humanos usam para aprimorar a sua sobrevivência e realização. O segundo aspecto é fato de o comportamento cultural selecionar mecanismos especiais comportamentais para dirigi-lo. No terceiro, o fenômeno psicológico cultural é o mecanismo que torna apto os seres humanos ao comportamento cultural. No quarto, a cultura humana fundamentalmente consiste em fatores macroculturais, como já foram mencionados, as instituições sociais (governos, corporações, sistemas educacionais e de cuidados médicos etc), os artefatos (tecnologia, arte, construções) e os conceitos culturais (sobre tempo, sexo, crianças, propriedade privada etc). No quinto, os fenômenos psicológicos devem ter aspectos que sejam capazes de gerar e sustentar os fatores macroculturais.

Esses fatores macroculturais são estruturas sociais (instituições), materiais (artefatos) e conceituais (Geist). Eles são vastos, complexos, planejados, coordenados, administrados, objetivados e duráveis. Eles são humanamente construídos por meio de esforços entre grupos competidores; são políticos no sentido de que são contestados e são controlados por interesses investidos. Eles também são modificáveis por meio da consciência e da ação coletiva em nível maior. Os fatores macroculturais estão em meio ao que exerce pressão seletiva para a formação do fenômeno psicológico, que tem aspectos capazes de sustentar os fatores macroculturais (RATNER, 2007)¹⁶.

Segundo Ratner (2006) há uma integração dialética entre os fatores macroculturais e os fenômenos psicológicos (ver figura 4)¹⁷.



FIGURA 4: Relação dialética entre as instituições sociais, os artefatos, os conceitos culturais e a psicologia.

FONTE: Ratner (2006, p.81)

¹⁶ Tradução livre de texto na internet: Macro cultural factors are social (institutional), material (artifacts), and conceptual (Geist) formations. They are vast, complex, planned, coordinated, administered, objectified, and enduring. They are humanly constructed through struggles among competing groups. They are political in the sense that they are contested and are controlled by vested interests. And they are modifiable through conscious, collective action at the macro level. Macro cultural factors are the environment that exercised selective pressure for the formation of psychological phenomena that have features capable of sustaining macro cultural factors.

¹⁷ Tradução livre: Ratner (2006, p.81).

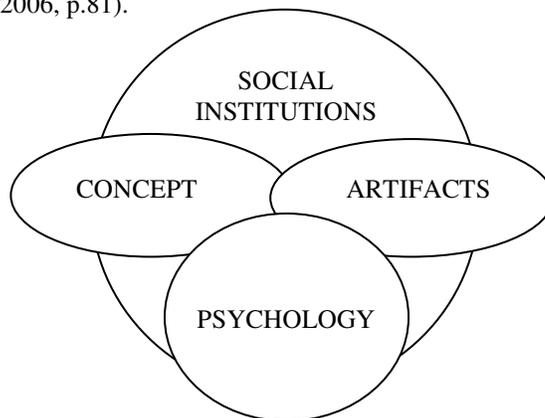


FIG. 3.1. Dialectical relation of social institutions, artifacts, cultural concepts, and psychological phenomena.

A figura 4 mostra a totalidade dos fatores macroculturais que são entrelaçados entre si para dar forma a um sistema social. Eles não são entidades segregadas, embora possam ser conceituados distintamente nas bases de diferentes características. Os artefatos e as instituições expressam e objetivam os conceitos, assim como os conceitos e os artefatos expressam e objetivam as instituições, e os conceitos e as instituições expressam e objetivam os artefatos. O fenômeno psicológico como parte dos fatores macroculturais integra organicamente os fatores culturais. A mente está nas emoções, nas percepções, no autoconceito, no raciocínio, na memória, na motivação e na aprendizagem que constroem as instituições, os conceitos culturais e os artefatos.

A psique modifica a forma como as pessoas constroem e utilizam os fatores macroculturais. Seus aspectos derivam e são congruentes com esses fatores.

Na visão de Ratner (2007), esse modelo macro do fenômeno psicológico aplica-se às emoções, pois elas têm todas as propriedades precedentes do fenômeno psicológico que tem sido selecionado pelos fatores macroculturais e são funcionais, visto que:

- a) As emoções animam e sustentam o comportamento cultural, que é necessário para formar e sustentar os complexos fatores macroculturais que estendem sobre o tempo e espaço e abrangem milhões de indivíduos. As emoções são compartilhadas, socialmente aprendidas e nuançadas por experiência com macrofatores, podendo dirigi-los e respondê-los.
- b) As emoções incluem consciência dos fatores macroculturais. Culturalmente, as emoções conscientes capacitam as pessoas para desenvolver e responder às instituições sociais, aos artefatos e aos conceitos culturais.
- c) As emoções são conscientemente conhecidas do indivíduo, conceituadas ou intelectualizadas, pois, com as emoções, os indivíduos são capazes de se analisarem, se avaliarem e se modificarem. Isso é essencial para delinear o comportamento individual, de modo que, o comportamento cultural coletivo mais forte, suportável, mais rico possa ser coordenado. As emoções são vitais para encorajar a novos fatores macroculturais, que possam melhorar certos problemas.

Quando Ratner trata as emoções como conhecidas do indivíduo, entende-se que as emoções são construídas como processos subjetivos, que formam e mantêm os fatores

macroculturais, eliminam a aura de mistério e de irracionalidade em torno deles, porque as emoções não são irracionais, incontroláveis, insondáveis, animalizadas, fenômenos imprevisíveis que têm a sua própria vida, localizada no espaço, separada, primitiva, parte do cérebro inconsciente e que oprime a cognição, o comportamento e a vida social. Ao contrário, as emoções facilitam a vida social, o pensamento, deliberando o comportamento, sendo adaptadas aos fatores macroculturais.

As experiências sociais com as instituições, os conceitos culturais e os artefatos geram distintivos fenômenos psicológicos, isso media, então, as maneiras com que os indivíduos experienciam outros macrofatores. Por exemplo, a motivação, a percepção, as emoções, o raciocínio, a memória, o *self* e a aprendizagem organizados culturalmente que são influenciados pela participação em fatores macroculturais.

Os fenômenos psicológicos têm distintos aspectos que mediam e influenciam outros macrofatores, já que os fenômenos psicológicos são aspectos da cultura, devido ao fato de eles serem o modo como a cultura negocia consigo mesma.

Ao resumir a teoria macrocultural das emoções, percebe-se a relação dialética entre os fatores macroculturais, sejam eles as instituições sociais, os artefatos, os conceitos culturais e os fenômenos psicológicos que levam aos sujeitos a um determinado comportamento, pois para compreender o caráter cultural concreto das emoções requer-se sua elucidação correspondente com o modo como as pessoas agem, pensam e são tratadas nas atividades culturais (Ratner, 2000a). Por exemplo, as emoções são construídas e sustentadas pela Teoria da Atividade, aprende-se a cultivar e expressar diferentes espécies de emoções em diferentes atividades, bem como interagir com membros da família, amigos, time de basquete e etc.

Essa relação pode ser vista esquematicamente na figura 5¹⁸.

¹⁸ Tradução livre: Ratner (2006, p.123).

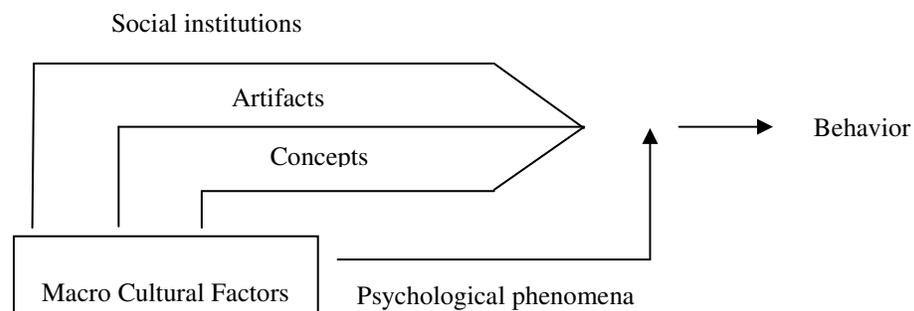


FIG.3.2. Culturally organized psychological phenomena mediate other cultural factors.

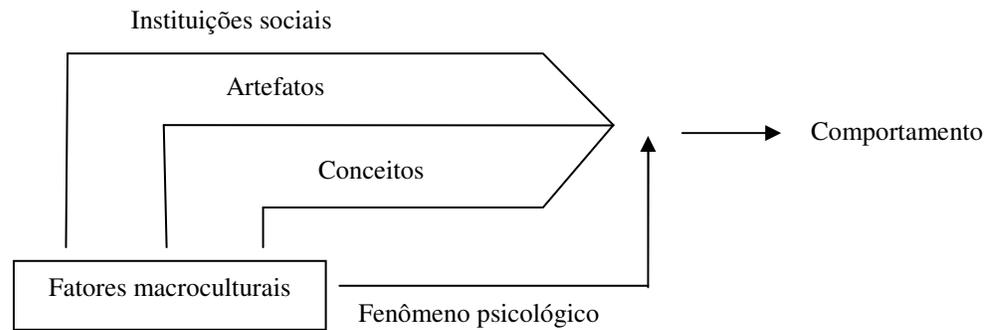


FIGURA 5: Fenômeno psicológico organizado culturalmente e mediado por outros fatores macroculturais.

FONTE: Ratner (2006, p.123).

Ratner (2000a) aponta cinco características das emoções: a) qualidade, b) intensidade, c) expressão comportamental, d) a maneira como elas são resolvidas¹⁹ e, e) organização, na qual nenhuma emoção é estritamente semelhante ou divergente uma da outra. Essas cinco características originam e refletem os conceitos e as atividades culturais.

O conteúdo das emoções, a forma de expressão, a intensidade, a interrelação (organização) e a socialização deveriam ser congruentes e transformadas pelas instituições sociais particulares, os conceitos culturais e os artefatos (RATNER, 2007).

A qualidade das emoções: a espécie de emoção que se está sentindo em uma situação particular depende de compreender o conceito, a representação, o esquema dela. Compreender, não simplesmente tachá-la de um valor positivo ou negativo, é compreender as características, suas causas e suas consequências em um evento (RATNER, 2000a).

Compreender os conceitos não necessariamente que dizer que o indivíduo saiba definir a emoção que está sentindo, por exemplo, nos últimos segundos de um jogo de basquete em que o sujeito tem que decidir com a bola na mão, talvez o sujeito não nomeie a emoção que vivenciou, mas o conceito está presente, porque o conceito não somente determina se ou não ocorrerá uma emoção. Ele também determina a nuance, modulando a qualidade de uma emoção (RATNER, 2000a).

Compreender o ato vivenciado leva o indivíduo a entender o conceito e leva-o a diferentes reações emocionais. O poder do pensamento para determinar a qualidade das emoções

¹⁹ Neste trabalho este processo de controle das emoções é designado de regulação.

é evidente no sentido de que, se reconhecermos um evento ocorrido anos atrás, isso pode alterar a reação emocional vivenciada pelo sujeito.

A qualidade das emoções específicas somente é compreensível em termos das atividades culturais e dos conceitos, ou seja, aponta novamente para a relação dialética entre os fatores macroculturais e aqueles em que se deve compreender a relação contextual.

O que nos ajuda a compreender melhor como os conceitos nos auxiliam a entender as qualidades das emoções perpassa pelo construto da apropriação, que faz como que o indivíduo torne suas experiências emocionais suas ou próprias, ou seja, que as emoções vivenciadas sejam pertinentes a ele. As mediações emocionais devem estar inscritas no sujeito, para que ele se aproprie dos conceitos emocionais.

A intensidade das emoções: a intensidade das emoções depende dos conceitos cognitivos, tanto quanto as qualidades das emoções realizadas. Os diferentes Conceitos Culturais a respeito da natureza/importância dos eventos e da natureza das emoções geram níveis diferentes da intensidade emocional em diferentes sujeitos (RATNER, 2000a).

Há o clássico exemplo de leão de treino, em que o treino para uns não tem tanto significado emocional, e para outros é um momento de “extravasar” suas emoções. A natureza e a importância do evento são muito relevantes, então, para se compreender a intensidade das emoções.

A expressão comportamental das emoções: uma dada qualidade emocional é frequentemente expressa de acordo com as manifestações em diferentes culturas. As emoções são, portanto, expressas diferentemente em diferentes culturas, e, em alguns casos, as pessoas somente nomeiam as emoções de forma adequada quando estas são visualizadas em fotos. Assim, ainda que existisse uma expressão emocional universal, ela somente indicaria um senso geral das emoções (RATNER, 2000a; 2002).

A expressão das emoções consiste visualmente em exteriorizações de um estado emocional interior, na maioria das vezes, externado através de canais não-verbais, como expressões faciais, tom de voz e postura de corpo e movimento. Esse é, talvez, o componente mais importante do funcionamento emocional em contextos de equipe, dado que as expressões emocionais são claramente visíveis pelos outros e, portanto, têm mais potencial para afetar as interações entre as pessoas dos colegas de trabalho. Psicólogos filiados a uma perspectiva funcional social argumentam que as emoções evoluíram em grande parte como um valor de

sinalização, que fornece um mecanismo adaptativo para indivíduos com a finalidade da comunicação e, assim, coordenam suas relações e interações com os outros (ELFENBEIN e SHIRAKO, 2006).

Entende-se que a expressão das emoções dentro de uma equipe pode ser vital para as interrelações dos indivíduos, levando com isso ao aumento de confiança ou de desconfiança entre os sujeitos, o que pode, de certa forma, incrementar ou prejudicar o desempenho dos atletas.

Regulação das emoções: como foi mencionado anteriormente, as emoções podem ser críticas para orientar as relações interpessoais. Um corolário deste fato é que as trocas emocionais podem ter consequências sociais positivas ou graves, mantendo e aprimorando as relações positivas, ou, inversamente, uma fonte de incompatibilidade e discórdia entre os indivíduos (BUTLER, LEE e GROSS, 2007).

Os autores apontam, ainda, que há duas grandes barreiras para se alcançar uma melhor compreensão de como as emoções influenciam as interações sociais. Em primeiro lugar, a barreira da autorregulação²⁰ de poderosos esforços da forma com que as emoções são experienciadas e expressas em uma determinada situação. Em segundo lugar, culturas incentivam e reforçam de forma diferente as respostas emocionais, o que resulta em diferenças na maneira como as respostas emocionais são sancionadas sob certas circunstâncias. Desse modo, durante uma interação social, muito do impacto e do fluxo emocional sobre a relação provavelmente ocorrerá em função dos esforços de autorregulação dos participantes e seus sistemas de significado cultural.

Na literatura o estudo da regulação das emoções é crescente por um lado, e a influência da cultura na emoção, por outro; porém, ambos os estudos raramente se cruzam (BUTLER, LEE e GROSS, 2007)²¹.

A questão reincide: o que é a regulação das emoções? Segundo Gross (1998b, p.275)²²:

²⁰ Este autor utiliza a expressão *autorregulação*, no entanto, neste trabalho utilizar-se-á o termo mais empregado na literatura que é *regulação das emoções*, embora o termo *autorregulação* seja mais utilizado na educação como forma de aprendizagem. (ver FONTANA, 1996; SCHUTZ e DAVIS, 2000).

²¹ Para uma revisão mais detalhada desse tema ver também (DIAS, VIRAN, GRAVAS, 2000; GROSS, 1998a, GROSS 1998b; THOMPSON, 1994).

²² Tradução livre: *Emotion regulation* refers to the processes by which individuals influence which emotions they have, when they have them, and how they experience and express these emotions. Emotion regulatory processes may be automatic or controlled, conscious or unconscious, and may have their effects at one or more points in the

A regulação das emoções refere-se aos processos pelos quais os indivíduos influenciam as emoções que eles têm, quando as tiverem, e como eles as experienciam e expressam essas emoções. Os processos regulatórios das emoções podem ser automáticos e controlados, conscientes ou inconscientes e podem ter seus efeitos em um ou mais pontos no processo gerador da emoção, porque as emoções são processos multicomponenciais que se desdobram ao longo do tempo. Assim, a regulação de uma emoção envolve mudanças na "dinâmica da emoção" (THOMPSON, 1990), ou na latência, no tempo de reação, na magnitude, na duração e deslocamento de respostas nos domínios fisiológicos, experienciais, ou comportamentais. A regulação de uma emoção também envolve mudanças na forma como as respostas dos componentes interrelacionados revelam-se na emoção, tais como quando grandes incrementos na resposta fisiológica ocorrem na ausência de um comportamento aparente.

Assim, para que os atletas de basquetebol regulem suas emoções é necessário compreender os conceitos que os envolvem. Para tanto, a emoção deve ser compreendida e interpretada como um signo, para que, então, se obtenha o seu significado (RATNER, 2000a; SMOLKA, 1992).

Após ter em mente os conceitos emocionais apropriados e compreende-se seus significados, por meio do pensamento. Dessa forma, os modos de ação, papéis e funções sociais (na interação) passam para o controle do sujeito, possibilitando-lhe dirigir o próprio comportamento, uma vez que redimensiona e reorganiza a atividade mental. Vygotsky (2004) com base em Spinoza, afirma que o pensamento está a serviço das emoções e o indivíduo que tem inteligência é dono delas. Além disso, segundo ele, “a razão pode alterar a ordem e as conexões das emoções e fazer com que concordem com a ordem e as conexões dadas pela razão” (p.126).

No entanto, segundo Davydov (1999), por detrás das ações humanas estão as necessidades e emoções, antecedendo a ação, as relações com os outros, as linguagens. O elemento mais importante na atividade científica não é a reflexão nem o pensamento, nem a tarefa, mas a esfera das necessidades e emoções. As emoções são mais fundamentais que os pensamentos, elas são o alicerce para todas as diferentes tarefas que o ser humano estabelece para si mesmo, incluindo as tarefas do pensar, pois sua função geral é capacitar uma pessoa para as tarefas vitais, porém, este é somente o início das relações sociais. A relevância maior em relação

emotion generative process (which I describe in a later section). Because emotions are multicomponential processes that unfold over time, emotion regulation involves changes in "emotion dynamics" (Thompson, 1990), or the latency, rise time, magnitude, duration, and offset of responses in behavioral, experiential, or physiological domains. Emotion regulation also involves changes in how response components are interrelated as the emotion unfolds, such as when large increases in physiological responding occur in the absence of overt behavior.

às emoções é o fato de elas capacitarem uma pessoa a se decidir, desde o início se, de fato, existem meios físicos, espirituais e morais necessários para que ela consiga atingir seu objetivo.

Para Vygotsky (2004), o desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste, primeiramente, nas alterações das conexões iniciais em que estes se produziram e até que apareça uma nova ordem de novas conexões. Esses novos sistemas de conexão, que mantêm relação não só com signos sociais, mas também com a ideologia e o significado de que tal ou qual função psicológica adquire na consciência das pessoas, fazem com que o processo de aparecimento de novas formas de comportamento a partir de um novo conteúdo seja extraído pelo homem da ideologia do meio que o cerca (VYGOTSKY, 2004).

A organização das emoções: a similaridade ou diferença que é uma dada emoção tem com outras emoções varia consideravelmente em diferentes sociedades. Ratner (2000a) dá como exemplo a experiência dos Ifaluk de desapontamento e medo que são similares, e, por outro lado, compara-a com a experiência americana de desapontamento e medo que são de sentimentos completamente diferentes.

Sob essa perspectiva, os atletas de basquete podem organizar suas emoções diferentemente conforme o contexto situacional: em determinada situação, um atleta pode sentir medo ou alívio, enquanto outro pode sentir preocupação ou alegria.

Após a explanação sobre o arcabouço teórico desse trabalho, que são a teoria da atividade e a teoria macrocultural das emoções, fazem-se necessárias algumas afirmações acerca das emoções como fenômenos culturais. Isso se dá, de acordo com Ratner (2000a), por cinco razões: a primeira ocorre porque as emoções são artefatos construídos socialmente e são funcionalmente independentes dos determinantes biológicos. O segundo motivo: suas características refletem a organização social das atividades e o conteúdo cultural dos conceitos. Enquanto a terceira razão é porque as emoções são formadas através da socialização, que definitivamente refletem as atividades culturais e, por último, as emoções dão suporte a, ou reproduzem, as atividades culturais.

Assim, entende-se que a teoria da atividade e a teoria macrocultural das emoções são ferramentas importantes para a análise e compreensão das mediações e apropriações emocionais vivenciadas pelos atletas masculinos adultos de basquetebol da divisão especial série A-1 do campeonato paulista, principalmente observando-as por meio dos instrumentos referentes ao basquetebol.

No próximo capítulo, o caminho metodológico deste trabalho será apresentado.

2 Caminho metodológico

Não quero descobrir a natureza da mente fazendo uma colcha de retalhos de inúmeras citações. O que quero é, uma vez tendo aprendido a totalidade do método (...), saber de que modo a ciência tem que ser elaborada para abordar o estudo da mente. Para essa teoria-método de uma maneira científica de aceitação geral, é necessário descobrir a essência desta determinada área de fenômenos, as leis que regulam as suas mudanças, suas características qualitativas e quantitativas, além de suas causas. É necessário, ainda, formular as categorias e os conceitos que lhes são especificamente relevantes – ou seja, em outras palavras, criar o seu próprio Capital (VYGOTSKY, 1994, p.10).

2.1 Caracterização da pesquisa

Este estudo é uma pesquisa qualitativa, nessa situação particular, em que se busca compreender o significado que os acontecimentos e interações têm para os indivíduos, utiliza-se a pesquisa qualitativa. De acordo com Thomas e Nelson (2002), a característica mais significativa dessa modalidade de pesquisa é seu conteúdo interpretativo. Tal pesquisa procura introduzir um rigor que não dá precisão numérica aos fenômenos que não são passíveis de serem estudados quantitativamente, tais como, a angústia, a ansiedade, o medo, dentre outras (MARTINS e BICUDO, 1994).

Segundo Ratner (2002), a metodologia qualitativa analisa o conteúdo e o modo de operação do fenômeno psicológico, ao assumir que a natureza desse fenômeno é complexa, sutil, variável e de difícil reconhecimento no comportamento, porque qualquer ato pode representar um número do fenômeno psicológico e um número do fenômeno psicológico pode ser um simples ato.

O método de análise de conteúdo é considerado apropriado para análise desse estudo, porque é uma ferramenta para a compreensão da construção de significados que os atores sociais externam no seu discurso (SILVA, GOBBI, SIMÃO, 2005). Conforme Trivinos (1987), esse método data dos séculos XVII e XIX, na Suécia e na França, respectivamente, e seu apogeu acontece com o lançamento do livro de Bardin, em 1977, intitulado *L'analyse de contenu*.

O conceito dado a esse método é definido por Bardin (1979, p.42) como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Pela análise de conteúdo das entrevistas, a meta é descobrir os aspectos que permanecem escondidos nas falas, subentendidos, que não se manifestam. Busca-se, dessa forma, selecionar e inferir os aspectos e indicadores que interessam para a melhor compreensão do tema problematizado a ser pesquisado.

Trivinos (1987) explica três etapas assinaladas por Bardin como sendo básicas, distintas e complementares nos trabalhos com o método de análise de conteúdo. A primeira etapa é a pré-análise, a segunda, a descrição analítica e a terceira, a interpretação referencial.

A pré-análise corresponde à organização do material a ser coletado, que pode auxiliar a definir o corpus da investigação, que é a especificação do campo que o pesquisador deve centrar a sua atenção, com o objetivo de determinar as estratégias para a coleta dos dados para uma posterior análise.

A descrição analítica nesta etapa o material recolhido é bem mais aprofundado, sendo orientado pelo referencial teórico, buscando assim sínteses coincidentes e divergentes de ideias.

Interpretação referencial é a fase em que as reflexões devem ser elaboradas. As reflexões, juntamente com a intuição e o embasamento teórico, estabelecem relações com a realidade, aprofundando as conexões das ideias, chegando se possível a uma proposta básica de transformações nos limites das estruturas específicas e gerais.

2.2 Critérios da pesquisa

A população constituída do presente estudo é composta por atletas de basquetebol masculino adulto da divisão especial série A-1 de São Paulo²³. A escolha deu-se de

²³ A divisão especial série A-1 de São Paulo é a principal categoria da FPB (Federação Paulista de Basketball), que é composta por atletas adultos masculino. Este ano o campeonato contou com 14 equipes com o seu início em agosto e

forma intencional em uma das equipes participantes do campeonato paulista masculino adulto temporada 2009/2010. Esta preferência deu-se pelo fato da maior proximidade entre o pesquisador e o objeto pesquisado, e entender que o clube de basquetebol como uma esfera de contato entre os indivíduos, ou seja, um lócus da produção de significados. Optou-se por atletas da divisão especial série A-1 por ser a principal categoria da FPB, pois, em nossa sociedade, o esporte profissional tem grande repercussão, e por serem raros os estudos com esta população e também pelas dificuldades para pesquisar atletas profissionais, sabendo que esta pesquisa poderia ser executada com outros grupos de pessoas.

O objetivo foi reunir através de entrevista semi-estruturada, relatos que possam representar uma determinada coletividade, e que a partir do método proposto, entender através do corpo teórico deste trabalho os significados emocionais vivenciados pelos atletas a respeito dos instrumentos utilizados por estes no contexto desta modalidade esportiva.

2.3 Aspectos éticos da pesquisa

A intervenção do pesquisador no grupo estudado ocorreu no intuito de possibilitar a maior compreensão das mediações e apropriações emocionais dos atletas masculinos adultos de basquetebol da divisão especial série A-1 do campeonato paulista temporada 2009/2010, sobre os artefatos envolvidos nesta modalidade esportiva. Para tornar a coleta de dados um processo ético, o sigilo e a privacidade de todos os dados coletados foram assegurados, assim como o compromisso de cumprimento das exigências da Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa está inscrita no Sistema Nacional de Ética em Pesquisa sob o número 0507.0.146.000-09, e foi aprovada no dia 14/08/2009 sob o seguinte número de documento: 631/2009 (FR-275620).

O procedimento de levantamento de dados da pesquisa foi a entrevista²⁴ semi-estruturada, cujo roteiro será apresentado posteriormente, com perguntas previamente elaboradas com respostas abertas²⁵ e contou com a participação de cinco sujeitos²⁶, atletas integrantes de um Clube da divisão especial série A-1 do campeonato paulista temporada 2009/2010. As entrevistas foram gravadas, e as perguntas apresentadas com relação às emoções vivenciadas pelos atletas na prática da modalidade esportiva. Foi mantido o sigilo da autoria específica das respostas referentes às perguntas, com a possibilidade de que os nomes dos sujeitos constem como participantes da pesquisa, desde que com sua autorização por escrito, sob condições apresentadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido²⁷, fornecido aos indivíduos.

As entrevistas, depois de gravadas, foram cuidadosamente transcritas na íntegra para posterior análise, o que se constituiu em poderoso recurso metodológico, pois foi possível contar com todo o material fornecido pelo sujeito, e com esse procedimento, de acordo com Trivinos (1987), permitiu-se a ajuda, a informação, destaque, e aperfeiçoamento das ideias por eles expostas, com suas próprias palavras gravadas.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos, em locais e datas sugeridas pelos mesmos, no período de 20 a 25 de setembro de 2009. A duração das entrevistas foi entre 30 a 45 minutos.

2.4 Roteiro básico de perguntas

O roteiro consta de duas categorias de análise: uma geral e outra específica, a primeira busca a relação entre os sujeitos e a instituição, enquanto a segunda visa a compreender

²⁴ Segundo Ratner (2002) as entrevistas são um excelente meio para apurar as origens culturais, formação, características e funções dos fenômenos psicológicos. Os sujeitos podem ser questionados sobre atividades culturais, artefatos, e conceitos que influenciam vários fenômenos psicológicos.

²⁵ Segundo Lakatos (1991), as perguntas abertas são as que permitem ao informante responder livremente, conduzindo o entrevistado a uma resposta explicativa, possibilitando assim uma compreensão qualitativa do aspecto estudado, neste caso, as emoções no contexto esportivo.

²⁶ A participação se deu de forma voluntária pelos sujeitos, e considera-se este número como válido para análise de um determinado grupo.

²⁷ O texto na íntegra do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se encontra no Anexo D.

as mediações e apropriações emocionais pelos atletas acerca dos instrumentos referentes ao basquetebol.

GERAIS

- 1- Idade
- 2- Tempo de prática do basquetebol
- 3- O que levou você a praticar o basquetebol?

ESPECÍFICAS

- 1- O que há no contexto do basquetebol que influencia seu desempenho durante uma partida? O que você sente? Em que eles ou elas ajudam ou atrapalham o seu desempenho?
- 2- Em situação de treino e jogo essas influências têm a mesma importância para o seu desempenho? Por quê?
- 3- O que você faz para controlar suas emoções? Você precisa de ajuda para controlá-las? De quem?

2.5 Processo de realização das entrevistas

Nesse tópico a intenção é relatar as dificuldades e facilidades no processo de entrevista e apontar o caminho para futuros pesquisadores que desejarem realizar investigações nesta área. O primeiro passo foi encontrar o lócus para o estudo, esse ponto é o mais difícil em uma pesquisa científica, principalmente, quando se trata de adentrar nos clubes de um modo geral, tentou-se entrar em contato com vários clubes da divisão especial série A-1 do campeonato paulista por meio de telefones, e-mails e indo diretamente nos clubes, em algumas situações se quer eles atendem ao pesquisador. Não se sabe o real motivo do porquê é tão difícil realizar pesquisas nos clubes do Estado de São Paulo, e indo um pouco além no Brasil. Enfim, depois de muitas tentativas, um assessor de imprensa de um dos clubes do interior do Estado de São Paulo

abriu as portas para ser realizada o estudo, no entanto, quando se estava para entrar em contato com os atletas houve uma situação constrangedora, o patrocinador do clube encerrou suas atividades, e isso já era quase as vésperas da abertura do campeonato paulista temporada 2009/2010. O sentimento que fica é de pesar e apreensão não apenas pela pesquisa em si, mas a preocupação com os atletas e comissão técnica que perderam seus cargos. E fica uma pequena reflexão com relação ao Brasil, o qual irá realizar os Jogos Olímpicos em 2016. Após esse incidente, enfim encontrou-se um clube por meio de um profissional que trabalhava na instituição investigada. Esse profissional apresentou o técnico do clube, que foi super receptivo para com o estudo, após ponderar com o técnico sobre a pesquisa, esse realizou o contato entre o pesquisador e o presidente do clube, que do mesmo modo foi muito atencioso pela pesquisa. O fato interessante quanto se apresentou a carta de autorização da instituição²⁸, a qual tem um trecho que consta *atletas profissionais*, ele questionou o termo profissional, pois ele apenas oferecia uma ajuda de custo aos atletas. Novamente, fica uma reflexão sobre o esporte de alto rendimento no Brasil, porque estar se ponderando sobre o principal campeonato regional do país. A etapa seguinte foi entrar em contato com os atletas por meio de uma carta convite²⁹. Os atletas tiveram uma boa receptividade para com a pesquisa, acredita-se no fato de que alguns atletas por serem estudantes universitários e outros postulantes a faculdade facilitaram de certo modo o estudo. A maior dificuldade para realizar as entrevistas é o pouco tempo que os atletas têm de tempo livre, devido aos treinos, e a maior parte dos atletas estudarem, esse aspecto foi algo muito interessante, porque era um dos requisitos por parte da presidência do clube era que os atletas devessem estudar. Desse modo, percebe-se a preocupação social por parte da Direção do clube para com os atletas, que, diga-se de passagem, bastante salutar.

2.6 Processo de análise

O processo de análise seguiu os passos logo abaixo designados:

²⁸ A íntegra da carta está no apêndice C.

²⁹ A íntegra da carta convite para participação na pesquisa está no apêndice B.

Pré-análise: Organização do material, levantamento do problema, objetivos gerais e específicos e construção do corpo teórico que será o balizador das análises inferências.

Descrição analítica:

- Transcrição na íntegra das informações obtidas nas entrevistas. A organização do texto seguiu a sequência definida pelas perguntas do roteiro básico, com destaque para os conteúdos manifestos que respondem às perguntas.
- Análise inicial das entrevistas, sendo feito um estudo aprofundado dos dados coletados, em que há reconstrução dos conteúdos ainda em forma de perguntas e respostas, e organização de texto básico resultado do processo de descrição analítica para realizar as análises inferenciais, norteadas pelas teorias que compõem o corpo teórico, com o objetivo de retratar na forma de síntese os conteúdos das falas. Entendemos como saudável a consideração em excesso dos destaques para a descrição analítica, pela riqueza de informações e o risco a ser corrido de minimizar as falas, perdendo informações significativas ou em julgamento inadequado das informações, em seu grau de importância.

Análise inferencial:

- As inferências foram feitas a partir do corpo teórico, desenvolvido no capítulo dois, a partir da possibilidade concreta de transformar em linguagem científica as falas dos sujeitos, de interpretar as informações tendo por base a apresentação dos conhecimentos teóricos da Psicologia Cultural;
- Foram realizadas inferências individuais e, em seguida, inferências diante das informações analisadas do grupo, resultado das perguntas específicas;
- Em seguida, diante de uma primeira fase de discussão diante das interpretações das informações coletadas, individual e coletivamente, trabalhamos com as proposições, conclusões demarcadas pela subcategoria analisada, que têm o objetivo de compor a conclusão final,

ou seja, dar base para discorrer sobre as proposições, em discussão dos resultados das análises e afirmar conclusivamente a tese.

O próximo capítulo trata da apresentação e discussão dos resultados da pesquisa com os atletas da divisão especial série A-1 do campeonato paulista temporada 2009/2010.

3 Apresentação e discussão dos resultados

Para atender aos objetivos deste trabalho e, tendo como fundamento os estudos de Vygotsky (1994) e Ratner (2002, 2006) são designados dois eixos de análises: as instituições e os artefatos/instrumentos.

A população desta pesquisa é composta por cinco atletas³⁰ de basquetebol da divisão especial série A-1 do campeonato paulista temporada 2009/2010, que são logo abaixo designados.

O atleta A1 tem 20 anos de idade e com seis anos de prática no basquetebol, começou a praticar o basquete em um clube na cidade de São Paulo:

Comecei a praticar basquete em 2003 no clube (...) em São Paulo.

O atleta A2 com 20 anos de idade e com onze anos de prática no basquetebol principiou-se no basquete na escola:

Começou como uma brincadeira, né! Na escola.

O atleta A3 tem 20 anos de idade e com quinze anos de prática no basquetebol. Ele começou a jogar basquete na cidade dele, no clube do presente estudo:

Aqui mesmo (...) na categoria de base.

O atleta A4 com 19 anos de idade e com oito anos de prática no basquetebol, o qual iniciou sua prática em um clube:

Eu comecei a praticar mesmo foi no Cristovão.

E o atleta A5 com 29 anos de idade e com treze anos de prática do basquete sua inserção nesta modalidade começou em um projeto desenvolvido pela prefeitura de sua cidade.

³⁰ Designa-se neste estudo os atletas por A1, A2, A3, A4 e A5 por questões de manutenção do sigilo da pesquisa.

Eu comecei na minha cidade na escolhinha da Prefeitura.

Com embasamento nas respostas dos atletas acerca do que os levava à prática do basquetebol, chegou-se ao resultado que mostra que os atletas de basquete começaram sua prática em alguma instituição, por exemplo, clubes, escolas e projetos.

Com este exemplo percebe-se a importância do apoio e do fomento das instituições para a prática de uma modalidade esportiva, como elas se relacionam entre si, como foi visto na figura 4.

A importância da família se mostra muito relevante ou até mesmo decisiva para a prática do basquete, portanto, a família tem o papel de mediadora na prática deste esporte, três atletas afirmam isso:

A3: Então, minha família é uma família de sempre de gente grande, meus primos, minha irmã jogava basquete me influenciaram a gostar de basquete.

A4: Família! A minha família é de desportista.

A5: Então, minha irmã mais velha me sugeriu que eu procurasse o basquete.

Os outros dois atletas tiveram influências diferentes das apresentadas anteriormente: um de pessoas alheias a ele e o outro teve incentivo do professor de educação física. Nota-se como as mediações e apropriações são vitais para os indivíduos se envolverem em uma atividade cultural, que no caso aqui é o basquetebol. É interessante como eles se apropriam dessa prática desportiva e como essa modalidade esportiva se torna pertinente em suas vidas (SMOLKA, 2000).

A1: As pessoas sempre me viam na rua e falavam pra mim praticar basquete.

A2: O professor falou na sala (...). Ai! Eu me interessei e comecei aí, e gostei. Continuei indo. E não consegui mais parar.

Três atletas relatam que a escolha do basquete se deu por causa de sua estatura, pois dois deles começaram jogando futebol, e optaram posteriormente pelo basquete. Esse fato revela a importância social do esporte na vida dos atletas, que já haviam começado uma prática desportiva e, mesmo não vivenciando o esporte mais praticado no seu país, buscaram outra

atividade mais adequada às suas características físicas para que pudessem continuar a praticar esporte. Esse fato reforça a tese de que as atividades culturais são formas da vida social que a população constrói para satisfazer uma necessidade essencial. Pode-se afirmar, conforme nos diz Ratner (2002), que ela é *um legado da coletividade humana*, já que é através das atividades socialmente organizadas que os seres humanos sobrevivem e se realizam.

A1: Foi pelo tamanho, mesmo!(...). Só que eu quase não jogava basquete, porque eu jogava futebol (...).

A3: Então, minha família é uma família de sempre de gente grande (...).

A5: Na verdade eu comecei jogando futebol. Ai! Joguei futebol até certa idade, mais ou menos aos 12 anos. Ai! Tava com a estatura muito elevada. Eu era muito grande.

Já em relação à interferência das emoções na prática desportiva, quando perguntados sobre o que, no contexto do basquetebol, pode ajudá-los ou atrapalhá-los no seu desempenho, os atletas A1 e A5 apontam a ansiedade como a emoção que mais os atrapalha. Teoricamente, a ansiedade representa algo que vai acontecer, o que de certo modo pode prejudicar o desempenho no trabalho deles, e o ser humano busca por meio do trabalho bem feito sua realização (LIBÂNEO, 2004, PINO, 1990).

A1: Ah! O que pode atrapalhar é a ansiedade. (...) No caso assim atrapalha é ansiedade, mesmo!

A5: No dia do jogo eu procuro relaxar, tirar um pouco o enfoque do jogo, porque se eu ficar pensando no jogo, porque se logo de manhã acordar e ficar pensando no jogo, jogo. Eu crio uma ansiedade que me atrapalha muito...

Outros atletas relatam não existirem muitos fatores que possam atrapalhá-los. O A5, por exemplo, relata que não se pensa muito nos fatores que prejudiquem o seu desempenho esportivo, corroborando com a afirmativa do atleta A4.

A4: Acho que não tem fator pra me atrapalhar. (...) Não tem nada que me possa me atrapalhar. Só depende de mim.

O basquetebol é uma atividade mediadora que tem como resultado da prática constante uma configuração da natureza humana (LIBÂNEO, 2004; PINO, 1990). O fato da busca por recompensas, por exemplo, reflete a sociedade em que vivemos, e, os atletas buscam-nas por meio do esporte e da criação de objetivos de superação, para serem melhores no seu

trabalho, reforçando com isso essa característica inerente a toda atividade humana (RATNER, 2002).

Os atletas apontam os companheiros de equipe como um fator de ajuda no desempenho durante a partida. Por isso, o companheiro de equipe pode ser considerado uma instituição, o que torna evidente, então, o valor da interação e a confiança entre os colegas de profissão. Percebe-se que esta atitude cooperativa está relacionada com a divisão de trabalho, na qual a confiança e a tranquilidade, no ambiente de trabalho pautam-se no companheiro de equipe, objetivando a uma meta comum, representando, assim, uma comunidade (ENGESTRÖM, 2001), ver a figura 1.

A2: O que mais ajuda primeiramente são os companheiros.

A3: O basquete é um jogo de equipe. Na minha cabeça qualquer jogo de equipe você necessita de seus companheiros em quadra. (...) se tiver um pensamento conjunto de todos os atletas isso só beneficia.

A4: A tranquilidade acho que é a equipe. A equipe é que nos passa a tranquilidade. Cada um do grupo ajuda ... tem sua ambição dentro do jogo, então passa tranquilidade pra mim e por resto do grupo.

Com relação aos artefatos envolvidos no basquetebol um fator que os atletas colocam como primordial para o sucesso de um jogo é a torcida, além do fato de se jogar em casa. É interessante notar como o ser humano constrói um artefato como a torcida para suprir uma necessidade humana (VYGOTSKY, 1994) – como indica o caso do A1- esse artefato desperta autoconfiança nos atletas durante a partida, ou seja, os atletas sentem-se confiantes no desempenho do seu trabalho com a torcida ao lado deles, principalmente quando estão em seu mando de campo. Eles sentem-se mais motivados (segundo A3), se esforçam mais (A4). O papel da torcida é, portanto, de mediadora para os atletas. A torcida de alguma forma ajuda-os a apropriarem-se dos conceitos emocionais envolvidos no basquetebol, melhorando, então, sua performance.

A1: As pessoas! Eu entro nas comunidades pela internet do (...) aí vejo as pessoas elogiando, que a gente joga com vontade, com raça (...) passa bastante confiança pra gente isso ajuda bastante!

A2: Acho que em casa e o fator torcida (...) acho que isso ajuda bastante, né! Fica até mais fácil de você desenvolver o seu basquete, mesmo!

A3 Você se motiva mais!

A4: É o fator dentro de casa faz muita diferença pra gente também. A torcida faz muita diferença. É um estímulo a mais nos jogos.(...) Você sente que você está se esforçando.

Também se pode entender a torcida organizada como uma instituição, em ambos os casos relatados percebe-se a relação dialética ante os artefatos, os conceitos produzidos pelas relações e os fenômenos psicológicos, representados aqui pelas emoções dos atletas de basquetebol, os quais resultam em um determinado comportamento (RATNER, 2006), como se vê na figura 5.

Além disso, a torcida faz com que os atletas vivenciem emoções importantes para o seu desempenho como felicidade e prazer (RATNER, 1995, 2002, 2006). Essas emoções, quando vêm da torcida parecem ser primordiais para os atletas tornarem plenos seus os conceitos emocionais envolvidos neste esporte (SMOLKA, 2000), pois eles mencionam sempre como são importantes os torcedores (A1, A3, A4 e A5).

A1: Uma emoção boa, bastante grande. (...). Eu ficava até arrepiado, comentava com o pessoal no banco. Nunca tinha visto a torcida tão grande no jogo de basquete, assim! Fiquei bastante emocionado mesmo, senti muita emoção!

A2: Ah! Sinto um frio na barriga. Ao mesmo tempo sinto prazer de tá ali, entende?! É bem legal! É um frio na barriga com prazer.

Esse frio na barriga acho que seria ansiedade. Ansiedade de você tá lá, você entrar!(...) Tem que ter essa emoção.

A3: Torcida a favor sempre é bom, quanto mais torcedor melhor!(...) Então, a gente fica lisonjeado. Fica feliz com mais torcedores vindo.

A4: A torcida dentro faz muita diferença. É muito bom você vê que a torcida tá vendo o seu esforço dentro de casa, acho que isso é o mais importante. Você sente que você está se esforçando.

A5: Quando a torcida é a favor, às vezes tá meio pecando em algumas situações, aí a torcida contagia o time, isso é notório, a gente se deixa envolver pela emoção da torcida. A gente cria mais vontade com a torcida. Muitos dizem também que a torcida é o sexto jogador de basquete, porque se você faz uma cesta e a torcida fica muita, mas se você faz uma cesta tá atrás, cria um poder de reação muito grande quando a torcida é a favor.

Outro lado dessa relação ocorre quando os atletas jogam com torcida contrária a eles, trazendo consigo aspectos emocionais como revolta, desafio, desconforto e alguns afirmam até gostar dessa situação (A5). O atleta A3 afirma que a torcida contrária tem influência negativa no desempenho do time. Ocorre um efeito contrário aquele de quando se tem a torcida a favor, ou seja, a torcida não serve como um mediador positivo. No entanto, os jogadores sentem uma necessidade de realizar um trabalho bem feito (A2), ou seja, vencer a partida (A5) e, desse modo, buscam atingir uma meta com mais convicção (RATNER, 2002).

A1: Eu sinto assim uma revolta, mas não é! Você fica bastante revoltado, porque a torcida fica xingando.

A2: Na outra quadra tem outro desafio, né! Você quer jogar bem pra provocar a torcida, o que é bom! Eu gosto bastante de jogar fora e a torcida vaiando você... Acho que você sente desafiado pra fazer o negócio bem feito.

Entra com uma vontade ainda de fazer o trabalho para que a torcida faça o papel dela que é xingar, falar. Então, acho esse é o grande prazer de jogar contra, deixar a torcida brava, porque tá jogando bem. É um barato!

A3: É aquela coisa: tem torcida que te prejudica,(...) não vou te dizer que é a mesma coisa com o ginásio vazio. É diferente, influencia, sim! É ... dá um certo desconforto. É uma emoção assim, nada de tristeza, raiva não, mas um certo desconforto.

A4: A torcida contra, pra mim a gente procura fechar a quadra e não escutar ninguém.

A5: Quando você tá fora de casa e a torcida é contra, é gostoso também ter uma torcida contra. Eu sinto a necessidade de jogar bem, de ganhar a partida.

Uma das metas dos jogadores quando jogam fora é “calar” a torcida adversária, esse “calar” fica representado por um trabalho bem feito, um senso de dever cumprido.

A1: Quando a torcida fica bastante pegando no pé, bastante vaiando, assim. Acho que a maioria dos atletas pensam na quadra, é ah! Vou fazer essa torcida calar a boca. Você faz a cesta para eles pararem de ficar xingando. Acho que a maioria dos atletas pensam nisso.

A5: Quando você joga fora e você joga bem a torcida vai calando. Ai, quando chega no final ninguém fala mais nem uma “a”. A coisa mais gostosa que tem é isso, é calar a torcida adversária.

O calar representa o dever cumprido.

O ginásio é um instrumento que se confunde com a torcida e com a quadra, e é importante para a performance dos atletas, pois parece que o ginásio é uma representação da casa dos atletas, um lugar que passa tranquilidade, confiança para os jogadores. Serve, assim, de mediador para os atletas tornarem seus os conceitos envolvidos no basquetebol (SMOLKA, 2000).

A1: O ginásio é muito importante. Todos os aspectos do jogo são importantes. O ginásio é ... especialmente em (...) ou outros ginásios quando a gente entra no ginásio, você já começa a sentir diferentes emoções. Os torcedores dentro do ginásio é muito importante, porque eles ajudam ou quando vai jogar fora eles te prejudicam. Mas é importante sim o ginásio. É o espaço do jogo.

A2: Passa mais confiança e você sabe que está dentro de sua casa.

A4: Aqui passa mais tranquilidade pra gente.

A5: Tem ginásio que você chega que você diz: nossa! Nesse ginásio eu nunca joguei mal. Todo jogo que eu vou fazer lá eu gosto bastante, porque é um ginásio que eu nunca joguei mal. Sempre entro lá, vai ser um jogo bom para mim, porque nunca joguei mal neste ginásio. (...) mas tem ginásio que você se ambienta mais que você entra no ginásio e cria uma euforia e aquilo te ajuda dentro de quadra. Você joga com mais alegria, joga mais solto, mas contente, não sei é mais ou menos uma coisa assim.

O apito para os atletas representa o cumprimento da regra do jogo, que é necessário para o bom andamento do jogo. As regras é uma das bases de um sistema da atividade humana (ENGESTRÖM, 2001; RATNER, 2002), ver figura 1. As atividades culturais são regidas por normas, que, no caso do basquete, são representadas concretamente pelo apito. É por meio do apito que os atletas tornam próprios os conceitos ligados as responsabilidades que o sujeito tem em uma sociedade, representada aqui no basquete.

A3: Questão de jogo faz parte da regra. Mas pra mim me influencia dentro de mim é ... é uma coisa boa, porque como posso dizer ... o apito ... que dita as regras é o arbitro. O apito significa é uma marcação dentro do jogo. É aquilo que te dá regra o apito. Se não tivesse a regra seria um jogo muito desconfigurado, o apito é importante, porque ele marca uma regra do jogo.

A5: O apito no meu modo de vê é uma questão de ordem. É uma questão disciplinar para o atleta, por exemplo, eu cometo uma falta o juiz vai apitar, é uma questão disciplinar. É um instrumento disciplinar. Ele que vai coordenar a partida. Ele é o juiz, ele é quem rege e a gente que joga o basquete tem que respeitar.

As emoções vivenciadas pelos entrevistados a respeito do apito, quando este é utilizado de maneira não adequada, é de raiva, angústia, descontentamento, nervosismo, frustração e até mesmo um sentimento de injustiça. Por outro lado, este elemento pode trazer tranquilidade, dependendo da maneira como o árbitro se comporta. Portanto, o papel de mediador, nesse caso, estar representado pelo árbitro que pode contribuir muito para que, por meio de sua atuação, os atletas possam regular suas emoções em uma partida.

A1: É um sentimento de raiva! Assim, quando a gente sempre nessas infrações que a gente não pensa e sempre que a maioria dos jogadores terminam numa técnica.

A2: Fico bravo, mas o juiz apitou ele não volta atrás e dificilmente ele volta atrás. Então tem que seguir, fica bravo por dentro, xinga ali o juízo, mas não tem muito o que fazer não.

A3: Ah! É difícil achar uma pessoa que não fica angustiada, fica descontente.

A4: Dependendo do árbitro eu fico nervoso. Dependendo da reação dele eu fico tranquilo.

A5: Eu sinto sei lá ... um sentimento de injustiça, porque eu sei que não errei, que eu não cometi a infração (...) Talvez seja uma frustração a gente fica ali e tal, às vezes a gente reclama na hora, mas às vezes a gente deixar passar pra conversar depois.

O cronômetro é um instrumento que representa para os atletas uma emoção a mais em uma partida de basquete. Esse instrumento possibilita aos seus praticantes experienciem emoções múltiplas como nervosismo, insegurança, ansiedade, um sentimento contido pronto para

extravasar, principalmente nos últimos segundos de jogo. O cronômetro é, portanto, um instrumento que reflete nossa sociedade, uma sociedade em que o tempo é importante, na qual as atividades a serem realizadas “tem certa adrenalina” (A1). O cronômetro pode, assim, possibilitar ao atleta apropriar-se de alguns conceitos emocionais, facilitando o seu desempenho.

A1: Ah! O cronômetro dá uma emoção a mais, quanto mais ele tá no final parece que a adrenalina soube. O cronômetro diminui a adrenalina soube.

A2: A gente joga muito em cima do tempo. (...) rola um certo nervosismo! Ao mesmo tempo você quer tentar, porque é um desafio, né! Se eu fizer a gente ganha o jogo, se eu não fizer a gente perde. É um desafio, sabe! Você pode ser um herói ou um vilão.

A3: No meu caso eu posso dizer assim, que sou jovem, eu sinto um pouco de insegurança de decidir o jogo com a bola na mão 3s, mas tem jogadores sabem lidar bem com esse aspecto sim de final de jogo e decidir uma partida, mas pra mim ainda é difícil.

A5: Eu sinto como se fosse uma coisa que tivesse te apertando ali, e você deixasse extravasar. Mas ele não extravasa, ela tá ali. Eu tenho que fazer as coisas da melhor forma possível pra extravasar de uma maneira boa.

Um importante mediador citado pelo atleta A2 é o tema do herói e do vilão:

Você pode ser um herói ou um vilão.

Esses personagens ajudam os atletas a se apropriarem dos conceitos envolvidos no esporte. O ser herói e o ser vilão em uma partida de certa forma ajudam aos atletas a sempre buscar o aprimoramento dos seus desempenhos.

O cronômetro representa um objetivo a ser atingido, pois um dos aspectos gerais de uma atividade cultural é ter uma meta, corroborando com o sistema de uma atividade humana de Engeström (2001), em que toda atividade deve ter um objetivo, ver figura 1.

A3: Ele delimita as possibilidades de um ataque. Você tem que fazer um ataque dentro daquele tempo. Representa sim, é muito importante, porque o jogo é dentro de um tempo.

A4: Pra mim é um fato muito importante, porque no caso que eu sou o armador, eu tenho que tá sempre olhando o que eu posso fazer de acordo com o tempo.

A5: Representa o tempo que eu tenho pra fazer meu objetivo prevalecer sobre o objetivo do adversário. É o tempo que eu tenho pra fazer minhas qualidades sobressaírem sobre as qualidades deles, ou sobre os defeitos deles. E o tempo que eu tenho pra fazer meu time vencer.

O vestiário é o local onde os atletas se reúnem antes, no intervalo e após os jogos, e para os atletas ele representa um local de concentração.

A1: A gente fica com uma concentração maior no vestiário.

A4: É onde eu vou concentrar que eu vou pensar em tudo.

A5: O vestiário significa pra mim concentração.

A concentração é uma forma de estar se apropriando e mediando os conceitos do jogo, até mesmo de algumas emoções como alegria, tristeza (A3) e paz (A4). Com base nos estudos de Ratner (1995), pode-se dizer que a concentração é representada pela consciência, a qual processa as informações, analisa, sintetiza, delibera, interpreta, planeja, lembra, sente e decide. As mediações e apropriações se dão também pela conversa que, segundo Ratner (1995), é a socialidade, sendo esta identificada como as relações entre os companheiros de equipe e o técnico (A1, A2), as quais ajudam na atuação dos atletas.

A1: Onde o técnico tá passando as informações, os atletas tão tirando as dúvidas. A gente tá com o técnico pensando no que vai fazer, que não pode errar, quem a gente vai marcar e de que jeito a gente vai jogar, é isso, é o que representa já no vestiário. (...) As informações ajudam, por exemplo, quando vou jogar contra um jogador.

A3: O vestiário é onde a gente se prepara a gente conversa, a preleção. É onde estuda os adversários, compartilha dados. É importante nesse aspecto. Com parte da emoção dá uma certa alegria o vestiário sim, porque você tá olhando os seu companheiros, antes do jogo, você vai disputar uma partida, você vê que todos estão unidos para jogar ou mesmo quando acaba o jogo você consegue uma vitória você olha na cara de todo mundo tá todo mundo feliz. Ele traz muitas alegrias, mas mesmo na tristeza é um lugar que quando você entra você sente diferente, dá uma alegria.

A4: Para mim o vestiário é um momento de paz. (...) Eu sinto uma coisa muito boa dentro do vestiário.

O vestiário, por outro lado, serve com um momento de desconcentração, de lembrar a família, ajudando, portanto, a melhorar a performance dos jogadores. Percebe-se, por esse relato que a família, mesmo não estando presente, funciona como mediadora para os atletas.

A2: até mesmo as últimas ... brincadeiras, os últimos momentos de descontração. Você entra na quadra fica mais sério.

A4: A gente que vive fora, faz tempo que não vê a família, a gente pensa em tudo pra se sentir bem. É um momento que é só meu.

O uniforme é identificado pelos jogadores como algo importante, que representa a história do clube por aquelas pessoas que por lá passaram, ao invés de representar a instituição/clube, esse fato é surpreendente, pois sempre se imagina que a camisa ou o uniforme seja um instrumento fabricado com o objetivo de identificar a instituição, ou seja, o

signo/significado gravado nesse instrumento que seja o clube (RATNER, 2006). Realmente foi uma revelação significativa essa identificação do uniforme com as pessoas e não com a instituição clube de basquete.

A1: O uniforme pra mim é muito importante no basquete.

A2: O uniforme do (...) tem uma história. Então, você tem que representar bem, porque você sabe quem usou ele anteriormente. E não é qualquer um que usa. Então, que usa ele tem que dá sangue, é sua vida.

A3: O uniforme é muito importante. E especialmente aqui, pois sou daqui, nasci aqui, sou o único que nasceu e joga aqui. Vesti este uniforme, pois tem duas estrelas aqui: emociona.

A5: Tem uma representação sim!

Para o atleta A4 não faz diferença para o desempenho dele o uniforme, porém o número para ele é fundamental, pela experiência de vida que ele teve. O número não deixa de ser um instrumento que serve de mediação para o atleta, pois o número é também um signo, porque desse modo, tornou-se pertinente na vida dele (SMOLKA, 2000).

O uniforme não sinto nada diferente. A única coisa que eu sinto é o número. Pra mim o número tem que ser o meu número. Pra mim é importante o número. Agora a cor de uniforme não tem nada a vê. O importante pra mim é eu tá com o número que eu sempre gostei de jogar.

Eu procuro fazer que isto não me atrapalhe, mas esta questão de número não pode me atrapalhar dentro de quadra. Mas eu prefiro que seja o meu número, porque eu tive momentos bons na minha carreira e momentos ruins, que eu passei com ele. E a gente acaba gostando dele. A gente vê no espelho e vê aquele número.

Você sente aquela coisa ruim. Você não vai gostar, mas acontece. É uma coisa ruim, ruim, não me sinto bem.

De acordo com o atleta A4 o uniforme da equipe adversária pode influenciar a atuação dos atletas, trazendo o sentido de rivalidade entre os jogadores.

Falar que não! Primeira uma das coisas que eu analiso, alguns pessoas analisam, eles olham o uniforme, alguns companheiros me dizem: aquele uniforme ficou feio, mas tem rivalidade! Você olha para o uniforme da pessoa, você vê o nome da cidade do patrocínio. Você tem uma rivalidade. Já começa por ali já. O uniforme é importante sim.

Não vou te falar que é uma emoção de raia ou coisa assim, mas que é uma rivalidade.

Para os entrevistados os instrumentos tabelas e aros não têm muita importância ou significado, ou mesmo influencia suas emoções em uma partida de basquete.

A1: Acho que nessa parte a gente sempre não tem muito problema, porque a gente tá acostumado a jogar em bastantes lugares diferentes, e às vezes os aros são até no mesmo lugar que a gente jogou ou já treinou num lugar mesmo.

A3: Não, eu acho que são objetos que fazem parte do jogo, mas que não influênciam algum tipo de emoção, não! Porque a gente já tá condicionado, mental pra jogar o jogo.

A4: A tabela não sinto nada de diferença.

A5: Pode influenciar mais não muito.

Para o atleta A2 a tabela e aro podem influenciar sua performance, mas não suas emoções.

Pode sim! Porque têm lugares que não tem 3,05m, outros são pontudos, pra cima, outros pra baixo. Você tem que ter toda uma noção como você tem que arremessar pra bola cair. Isso muda de quadra pra quadra.

É só ajeitar o arremesso e acabou. Não influênciam minha emoção, não!

O banco de reservas para os atletas representa um lugar de aprendizagem, de trocas de informações, ou seja, onde se dá as mediações e apropriações dos conceitos do jogo, representados novamente pela consciência e a socialidade (RATNER, 1995).

A1: Ah! O banco de reservas acho que a gente pode ver melhor o que tá acontecendo dentro da quadra. Pode ajudar bastante mais do que quem tá dentro da quadra. Quando a gente tá dentro de quadra, geralmente, olha a bola ou o lugar que ele tem que ir pra prosseguir a jogada. E acho que o banco de reservas a gente vê tudo, assim, pode dá informações pro jogadores que são dentro de quadra, tanto pro técnico, quanto para o preparador físico também.

A2: Tem sim! Porque geralmente você tá no banco você tem que passar uma vibração pra quem tá jogando e ao mesmo tempo que a gente passa a vibração a gente pega de quem tá jogando, porque eles também precisam daquela força do banco, daquela vibração: boa bola, boa defesa, sabe?! Então, as duas coisas estão bem juntas.

A3: Acho que é assim, você sempre quando está no banco ... você tem que sempre procurar ajudar os seus companheiros: com palavras.

A4: O banco pode ajudar no momento que você pode (...), pode conversar com os seus parceiros. Pode perguntar o que tá faltando pra mim dentro de quadra.

A5: Quando as pessoas são no banco assistindo o jogo de maneira diferente. Você tá ali no meio de uma partida você não tá vendo a partida como um todo. Você tá vendo fragmentado. No banco você tá vendo a partida num contexto geral. Então, às vezes um cara do banco vem e te fala uma coisa que eu às vezes você não tá vendo. E isso é importante, digamos que os cinco na quadra seja o coração e o banco seja o pulmão, aquele que te dá ar, para respirar, te ajuda também a vê o jogo.

O banco para quem está jogando tem dois lados um de apoio e outro em que os companheiros de equipe não os apoiam em determinadas situações em que eles não desempenham bem alguma tarefa dentro do jogo. Isto traz algumas implicações – nos momentos

em que os atletas não sentem este apóio – no desempenho dos atletas, como tentar reverter à situação, tentar melhorar, no entanto, pode influenciar e muito a atuação de um atleta. O atleta A4 de uma forma bem crítica aponta essa situação desagradável que acontece no meio esportivo, e que não deveria acontecer.

A1: O sentimento que tenho é poder reverter à situação.

A2: Se o banco não apoia vou tentar não errar de novo. Vou tentar fazer coisa bem feita.

A3: Tanto, porém se alguém me fala assim ... se eu olhar pro banco e muita gente colocar a mão na cabeça, se eu fiz alguma besteira, isto pode me prejudicar mais ainda.(...) porque eu quando faço alguma besteira, já abaixo a cabeça um pouco.

A4: Isso é uma coisa ruim, que infelizmente no basquete tem. Têm companheiros, que já fazem isto para o técnico olhar e tirar ele. Ah! Isto é uma coisa muito ruim. É muito chato eu acho. Não pode ter nenhum tipo de basquete.

Uma expressão emocional dada pelo atleta A3 na hora em que ele não sente o apoio do banco é de abaixar a cabeça, isto pode ser uma expressão cultural, em que pode significar baixa estima, fracasso, vergonha, e tantos outros significados, que só a pessoa que vivencia a situação na hora pode realmente responder.

Já nos momentos em que os atletas sentem apoio do banco, essa situação pode contribuir bastante para o desempenho dos atletas, mas mesmo assim o sentimento dos atletas é ainda de melhorar, de se superar dentro das partidas.

A2: O banco apoiando ou não eu vou ter que ir lá recuperar e fazer melhor. Vou tentar melhorar, porque se eu errei o banco apoia, eu vou tentar não errar de novo.

A3: Se você faz alguma besteira, acho que isso vai de pessoa pra pessoa, pra mim, se faço alguma besteira e olho pro banco e se eles dizem não tá bom vamos lá, continua, já muda, já muda, (...) se vem a pessoa e não vamos! Continua! Já levanto de novo e continuo e esqueço que eu fiz a besteira. Influência muito! Me ajuda muito, sabe!

A4: Eu sinto vontade de melhorar, neste caso. Você olha assim, pro seus companheiros você vê todos os seus parceiros querem te ajudar. Então você olha e fala assim: Não, eu preciso, então volto no ataque ou se não na defesa, eu vou recuperar a bola para eu poder ajudar meus companheiros. Com a coisa que eu errei lá atrás ou na defesa. Eu me sinto bem.

A5: Nossa! O banco é um lugar muito importante, porque às vezes você tá num momento difícil, você acaba de errar uma bola ai eles te dão uma força.

Um dos instrumentos feitos pela humanidade que tem grande representatividade para os atletas é a questão do troféu e da medalha, traz no seu cerne emoções como a emoção maior no basquete, contentamento, felicidade, alegria, bem-estar, até mesmo de euforia, para alguns é um momento de triunfo para os atletas. O troféu está muito atrelado ao trabalho

(VYGOTKSY, 1994). Ele é designado pelos atletas como o coroamento, trabalho suado, fruto do trabalho, reconhecimento do trabalho bem feito. Percebe-se a importância do trabalho na vida do ser humano, como isto traz realização pessoal para os praticantes do basquete.

A1: Ah! O troféu é a emoção maior que a gente tem! Que a gente joga em busca do troféu, né! Então pra gente o troféu é a emoção maior do basquete.

A2: : Ah! Representa o coroamento do seu trabalho, né! Você tem um troféu ali. É o que todo mundo quer. O troféu .. é o reconhecimento, sabe, do seu trabalho bem feito. Você conseguiu deixar muita gente que trabalhou pra trás. Você sente alegria! A gente fica muito contente que nosso trabalho foi bem feito. É tudo de bom!

A3: O troféu acho é o máximo de felicidade seja um campeonato pequeno seja no campeonato grande. É aquilo! É o fruto do seu trabalho, que você fez, você treinou, você suou, traz o máximo de felicidade, de alegria, bem-estar, é só emoções boas o troféu.

A4: É a realização de um trabalho suado. É um momento só de alegria. Você pensa no começo do ano: tudo que você passou: físico, correndo, todas as coisas que você chegava em casa cansado, e na hora que você pega aquele troféu assim, tudo isso valeu a pena. Tudo isso é muito bom! O troféu é a melhor coisa.

A5: O troféu costuma ser ... é um caneco. Eu costumo pensar que ali cabe todo o suor que a gente derramou muito tempo pra conseguir. Então é um momento de triunfo. Ah! Eu sinto uma euforia grande.

Com relação à medalha, essa traz dois lados polarizados, pode ter o mesmo significado que o troféu, ou um pode ser mais importante que o outro. O que fica bastante claro é que o troféu é instrumento que foi criado para representar a instituição, que no caso é o clube de basquete e a medalha é um instrumento para representar o atleta.

A1: Os dois têm o mesmo significado.

A2: Também, é o mesmo sentimento, porque as duas coisas que a gente mais quer: a medalha e o troféu, que a gente busca no trabalho.

A3: Mas a medalha vai levar pra sua casa, e você vai ficar lá de campeão ou vice, mas ela é a mesma coisa.

A4: A medalha significa tudo, mais que o troféu, porque o troféu não fica com a gente, fica com o time, mas a medalha é mais importante que o troféu.

A5: Eu acho que o troféu é mais completo que a medalha, no meu modo de vê.

A medalha é um instrumento que serve para demonstrar o bom desempenho profissional dos atletas, para mostrar aos seus familiares suas glórias. Evidentemente há importância no desempenho dos atletas para atingirem a este objetivo que é de ser vencedor.

A3: Você pode ter um objeto que te representa um vencedor.

A4: Você coloca na sua casa. Você vai mostrar pra cada geração da sua família, como foi sua vida, se sua vida foi boa ou se foi ruim.

O escalte é um instrumento utilizado pela maior parte dos técnicos de basquete – que traz informações sobre o desempenho dos atletas a respeito dos fundamentos do jogo, como bloqueio, assistências, roubo de bola, dentre outros – para auxiliar na tática de jogo do time. Esse instrumento é visto como importante para eles e principalmente para o trabalho dos técnicos, servindo, então, como um instrumento mediador para os envolvidos. Portanto, é algo que pode auxiliar no desempenho dos atletas.

A2: Ele é o principal a gente joga com a estatística, pra saber o que a gente tá errando pra saber o que tá acertando. Então, é um negócio que sempre é muito importante pra gente. A gente joga em cima disso, pra vê os erros dos adversários. O que eles estão mais errando ou não. E pra gente também vê o que tem que melhorar.

A3: O escalte é ... ele é importante!

A4: É uma coisa que é bom ter, devido ao trabalho do técnico.

O escalte tem dois lados, quando ele é a favor e contra a atuação dos atletas, trazendo com isso emoções, que podem ocasionar declínio na performance dos atletas, porém a intenção dos atletas é de melhorar. Desse modo, os atletas tomam como pertinentes os dados estatísticos para melhorar o seu desempenho.

A1: Quando é a favor a gente olha e vê onde a gente acertou, aí procura treinar mais na região que a gente vem bem para poder melhorar sempre. Quando não é contra também tem sempre que pensar em melhorar aquilo que a gente fez de errado pedir para o técnico, perguntar aonde a gente errou essas coisas.

A2: Quando é a favor fica sabendo que as coisas que você está treinando tá dando certo no papel. Quando é contra você vai ter que procurar melhorar, treinar mais, tem que melhorar.

A3: você pode olhar pra ele, pode ficar feliz como triste, pode ficar bem ou mal, ou você pode ter chegado ao final do jogo e olhar o escalte, assim, e vê o que eu fiz de certo ou de errado também. (...) você tem que pensar assim, que tem continuar seguir em frente.

A4: Quando a estatística é a favor é tudo ótimo. Quando tá ruim você nem quer vê ela.

A5: Quando é a favor eu sinto bem. Quando é contra eu sinto que tenho que melhorar meus fundamentos quando estou ali dentro da quadra.

O vídeo é outro instrumento comumente utilizado pela comissão técnica como forma de mediação e apropriação dos atletas. O vídeo é uma forma de melhorar o desempenho dos atletas. Os atletas podem ver os seus erros (A1, A2, A3, A4 e A5), e, assim, tentar evitá-los em outras partidas. Por isso, os jogadores externam a importância que o vídeo tem para eles.

A1: O vídeo mostra aonde a gente errou, né! O que a gente fez de errado. Qual é a jogada do adversário melhor, pra gente marcar ela.

A2: Ah! Porque o vídeo é onde mostra os erros e os acertos. O que tem que fazer sempre. O que não tem que fazer, então, acho que é fator importante te ajuda bastante.

A3: É importante sim! Traz mais motivação, porque é lá que você vê o que você fez de errado. No escante não, você fez, mas não lembra e no vídeo você vê o que você fez. Então te motiva a você falar: errei aqui. Então, melhora nisso, eu fiz, então não vou fazer mais.

A4: O vídeo é uma coisa importante pra gente, porque a gente olha o defeito de cada um dentro de quadra, uma coisa boa, uma coisa ruim. Então, é um fato que o time precisa desse vídeo. O vídeo é uma coisa boa, ajuda bastante o time.

A5: O vídeo é importante assim ... mais pra você corrigir os erros. Você faz seu trabalho foi bem na partida, e é importante vê o vídeo pra vê, porque quando você tá dentro da quadra você não vê a partida como um todo e no vídeo você vê como um todo. Vê todos os jogadores ali na mesma tela na mesma imagem. Então, todos têm condições de olhar vê o que você errou, o que acertou, quantas vezes errou, quantas você acertou.

A televisão não é um artefato/instrumento que faz parte integrante do basquetebol³¹, no entanto, é um artefato importantíssimo no desempenho dos atletas, levando-os a vivenciarem emoções relevantes como nervosismo, sendo altamente motivante para os jogadores. A principal razão de os atletas reagirem assim com relação à TV é que eles serão vistos por outras pessoas, que estão avaliando o seu trabalho, e conseqüentemente pensa-se em melhoria no status do trabalho até mesmo na remuneração, visando a sua ascensão social por meio de um bom trabalho. Isso é um dos aspectos gerais de cada atividade cultural (RATNER, 2002).

A1: Nossa! Acho que seria uma emoção bastante grande, acabava ficando mais ansioso, seria um nervosismo a mais, muito maior!

A2: Sendo televisionado você sabe que estar sendo visto por mais pessoas, não vai ser só mais no ginásio. Ajuda te mostrar pra outras pessoas.

A3: você se sente ainda mais motivado pra você mostrar por torcedores e mostrar pra televisão (...). Então, é uma motivação a mais.

A4: Pra mim que é meu primeiro ano de adulto, eu sinto nervosismo. Você sempre vê os jogos e agora você tá dentro do jogo. Você olha e diz: nossa! Agora eu cheguei numa meta da minha vida, que eu queria alcançar. E eu alcancei agora. Eu daqui pra frente eu quero mais, então é uma coisa que passa nervosismo pra mim a televisão, mas eu vou ter que acostumar é uma coisa nova pra mim.

A5: Traz uma emoção diferente, porque não quer dizer que a gente se dedique mais quando o jogo de TV, mas você sabe que tá todo mundo te olhando. Você sabe que todo mundo que você conhece pode tá assistindo o jogo, gente que você não conhece, tem gente avaliando o teu trabalho. Não que não tenha quando o jogo não é de TV, pois sempre alguém a arquibancada te avaliando.

³¹ Não são todos os campeonatos que tem o uso da televisão. O campeonato masculino adulto de basquete da série especial A-1 de São Paulo temporada 2009/2010 é transmitido pelo canal fechado da ESPN.

Após realizar a entrevista com os atletas sobre a importância dos artefatos/instrumentos para eles, foi perguntado aos entrevistados que relação havia entre um jogo oficial e o treino, para que se pudesse entender a relação entre a importância e a natureza do evento, ou seja, qual a intensidade das emoções vivenciadas pelos atletas nesses dois eventos (RATNER, 2000a). Pelas respostas dos entrevistados, há uma diferença significativa entre treino e jogo, podendo até se extrapolar esta relação entre a importância de partidas, como partidas no começo de temporada, partidas de playoffs e até mesmo em partidas de final de campeonato.

A1: Acho que o treino é mais tranquilo. No treino acho a adrenalina é menor que a do jogo.

A2: As emoções são diferentes, porque no jogo a adrenalina é mais alta, no treino você sabe quem é o seu companheiro. Você faz que ele faz. No jogo as coisas mudam.

A3: Tem! Influência, porque na hora do treino você tá ... você pode cometer mais erros do que no jogo, porque você não tem, talvez torcida. Você não tem influência de fora. É só você e o seu time treinando. É diferente sim, do jogo pro treino. (...) vai ter influência no jogo diferentemente, porque no treino são os seus companheiros, não são aqueles que você vai jogar contra. É aqueles que você vê todo dia e no jogo não, são pessoas diferentes, são atletas diferentes, e isso influência psicologicamente sim.

A4: Tem muita diferença o treino, porque o treino é uma coisa que você tem que concentrar do mesmo jeito, se você vier no treino desconcentrado como mais um dia normal, você vai treinar mal.

A5: Tem muita diferença o treino, porque o treino é uma coisa que você tem que concentrar do mesmo jeito, se você vier no treino desconcentrado como mais um dia normal, você vai treinar mal.

Mesmo afirmando que existe diferença entre treino e jogo, os atletas deixam bem evidente a importância do treino, e umas das razões expressas por eles é que se você treinar mal você vai jogar mal. Além disso, muitos mencionam os riscos de lesões, principalmente os atletas mais experientes. Vê-se aqui, novamente, os companheiros mais experientes fazendo o papel de mediadores.

A3: Só que é aquilo o reflexo do treino é o reflexo do jogo, aquilo que você faz no jogo é aquilo que você faz no treino, né! De alguma maneira se você treinar certo você vai jogar certo (...).

A4: Se você não for concentrado, você vai jogar mal. Então a respeito disso, você tem que levar sempre o treino é treino e não adianta, o que você fizer no treino você vai fazer no jogo. O treino é um fator mais importante, porque é ali que você tem segurança de chegar amanhã no jogo e jogar bem.

A5: (...) sei lá, pensa assim, os atletas comentam: se você entra no treino sem vontade você fatalmente vai se machucar. Você tem que entrar focado determinado, porque se você for mal você se machuca.

Quando questionados sobre a forma como eles regulam suas emoções, as expressões mais usadas pelos atletas foi “concentração”, “estar focado”, “manter a cabeça no lugar”, “procurar pensar no jogo”. Todas essas expressões passam pelo pensamento, pois, segundo Vygotsky (2004), o pensamento está a serviço das emoções, e o indivíduo que tem inteligência é dono de suas emoções. E mais, a razão pode alterar a ordem e as conexões das emoções, e fazer com que concordem com as ordens e as conexões dadas pela razão.

A1: Ah! No jogo procuro pensar duas vezes, assim! Depois que aconteceu alguma coisa vou fazer isto, ah! Não ... vou pensar duas vezes.

A2: Eu me mantenho calmo, assim, sabe!?! Cabeça no lugar! Fico pensando no jogo. O que eu vou fazer.

A3: Eu tento me focar o máximo no jogo, não me preocupar com coisas fora da quadra.

A4: Eu antes do jogo eu escuto música. Eu fico escutando música e aquilo que me passa tranquilidade. (...)já treinei, já botei isso na cabeça, e quando tô dentro da quadra isso pra mim é como mais um dia de treino.

A5: Durante o jogo eu sou uma pessoa que fica muito focado.

Quando os atletas buscam regular mentalmente suas emoções, isso mostra que elas não são irracionais, incontroláveis, insondáveis, animalistas, fenômenos imprevisíveis que têm vida própria, localizadas na parte do cérebro inconsciente, que oprime a cognição, o comportamento e a vida social. Pelo contrário, as emoções facilitam a vida social, o pensamento, deliberando o comportamento, sendo adaptadas pelos fatores macroculturais (RATNER, 2007).

Mesmo os atletas afirmando que, de alguma forma, tentam regular suas emoções, alguns não conseguem fazê-lo e necessitam de pessoas externas a eles para ajudá-los a regular suas emoções.

A1: É claro que a maioria das vezes não consigo controlar.

A3: Mas é difícil às vezes controlar a emoção, ainda que eu sou um jogador que tá começando na categoria adulta.

A5: Agora que eu sinto bastante é ansiedade, que antecede o jogo.

Os atletas A2 e A4 afirmam que não necessitam de ajuda para regular suas emoções, no entanto, percebe-se que o atleta A2 necessita de mediador para ajudá-lo a regular suas emoções, que para ele no caso é Deus. Isso já é mencionado por Ratner (2002), que aponta a religião como um lócus em que se dá a cultura.

Já o atleta A4 usa de outro mediador, a música, que é um instrumento mediacional, ou seja, o papel mediacional é imprescindível para regular as emoções. Por outro lado, o atleta A3 afirma que é indispensável de ajuda para regular as emoções.

A2: Olha! Geralmente eu consigo controlar sozinho. Não preciso de ajuda de ninguém, não! (...) rezo bastante antes do jogo e pedindo a Deus que dê tudo certo, me proteja, certo!?

A4: Não, não é coisa minha! Não tranquilidade! (...) Eu antes do jogo eu escuto música. Eu fico escutando música e aquilo que me passa tranquilidade.

A3: Quem diz que não precisa de ajuda tá mentindo, porque precisa de ajuda sim, ainda mais a gente nova precisa de uma motivação pra você ficar mais no jogo. Se você fizer alguma coisa errada, eles te ajudam a você voltar e fazer o que é certo.

O principal mediador apontado pelos atletas é o companheiro mais experiente de equipe.

A1: É sempre bom ter um conselho dos companheiros do time ... do pessoal mais velho.

A2: a gente tem que conseguir no dia-a-dia com trabalho, com ajuda dos companheiros. É tanto que é como os jogadores mais experientes já entra mais tranquilo, sabe!?

A5: Sempre tem alguém assim, mais velho no grupo.

Os atletas mais experientes atuam como mediadores ao aconselhar os atletas mais jovens. Um exemplo de conselho é dado pelo atleta A1:

Eles falam o que eles passaram, já fizeram isto. Eles já viveram a situação que eu tô vivendo agora, também. Eles dizem que o basquete é nosso pão. O basquete é nosso pão, é nosso amanhã, que a gente vai viver, a gente tem que brigar pelo basquete, assim, ir jogo como se fosse um prato de comida, eles falam bastante, e é o que ajuda bastante.

O atleta A5 menciona a importância também de profissionais da área de psicologia na atuação como mediadores.

Acho que no esporte sempre é muito importante ajuda de um profissional, ter um psicólogo, psicoterapeuta, um psiquiatra, sei lá!

O mesmo atleta faz referência ao técnico como mediador para os atletas regularem suas emoções:

Então o treinador, porque o treinador faz esse papel desse profissional, por exemplo, o nosso treinador é um cara experiente e um cara que já passou por muitas coisas. Ele sabe lidar com cada atleta.

Perguntados a respeito de como o técnico lida com os atletas, percebe-se o diálogo como uma ferramenta fundamental para os atletas poderem se apropriar dos conceitos em torno do basquetebol.

Os atletas são assim, cada um tem um temperamento. Então, ele sabe o temperamento de cada um. Ele sabe que com um atleta tem chegar e conversar com calma no ouvido baixinho, devagar como se fosse mais um pai pro cara assimilar, porque é aquele negócio tem cara que pega no tranco, e outros você grita e o cara se perde mais ainda. E ele tem essa sensibilidade de saber que cada atleta pede.

Quando questionado a respeito do porquê de os atletas agirem de formas diferentes em situações semelhantes, ou seja, por que cada atleta tem uma forma de apropriar-se dos conceitos emocionais, e de que modo cada atleta toma para si os conceitos pertinente a ele, o atleta A5 responde que é devido à criação familiar dos atletas. Veja que, segundo Ratner (1996), a criação consiste em um fator cultural, ou seja, os seres humanos são o resultado das interações, dos processos sociais, que é o produto da vida social e da atividade social.

Acho que é diferença de personalidade, às vezes a criação, não sei.

Algo interessante a respeito dos instrumentos envolvidos no basquetebol que não foi citado pelos atletas como um instrumento relevante para o desempenho deles é a bola. Este instrumento foi citado apenas uma vez pelo atleta A1, como um objeto utilizado como uma forma de extravasar uma emoção na hora em que o árbitro apita uma infração, a qual ele não concorda com o árbitro.

Ah! No meu caso eu sempre seguro a bola assim, sei lá! Ah! Eu já bati muito assim no chão, Ah! O pessoal ficou bravo comigo, assim. Mas isso é pra desistressar, bater em alguma coisa.

É evidente que todos os instrumentos envolvidos no basquete são extremamente importantes para a consecução do basquetebol, mas a bola seria o objeto principal para o bom andamento do jogo, pois ela representa que quem tem a bola é o detentor do poder, é quem tem a iniciativa do jogo, é quem pode realizar o objetivo do jogo, que é fazer a cesta, ou seja, marcar

pontos, e no jogo de basquete ganha quem faz mais pontos, e essa é a meta do clube, de vencer campeonatos. Torna-se, então, curioso que a bola não seja um instrumento frequentemente mencionado pelos atletas.

Conclusões

Tendo como norteadores deste estudo os objetivos propostos chega-se as seguintes considerações finais. As emoções identificadas pelos atletas entrevistados foram: tranquilidade/paz, ansiedade/“frio na barriga”, alegria, tristeza, nervosismo, raiva/braveza, frustração, euforia, injustiça, revolta, desconforto. A maior parte destas emoções é citada por Ratner (2000a, 2006). A emoção apontada pelos atletas como aquela que mais influencia no desempenho dos atletas é a ansiedade, principalmente antes do início das partidas.

Os resultados da pesquisa apontam a relação dialética entre as atividades culturais, as instituições, os conceitos, os artefatos e os fenômenos psicológicos. Os atletas pesquisados mostram a importância das instituições para o seu engajamento na prática do basquetebol. As instituições representadas foram os clubes de basquete, a escola e projetos desenvolvidos por prefeituras do interior do Estado de São Paulo.

A família é outro exemplo claro de instituição que tem uma influência até mesmo decisiva para o engajamento dos atletas na prática do basquetebol, assim como amigos e até mesmo professores de educação física. As instituições refletem a organização social das atividades culturais, e essas refletem as necessidades dos seres humanos para se realizarem, pois é possível analisar as ferramentas concretas que são usadas no basquetebol, para mediar os motivos e objetivos em função de um determinado comportamento ou até mesmo mudar um comportamento recorrente.

Os principais instrumentos apontados pelos atletas como mediadores foram o vestiário, o banco de reservas, a estatística e o vídeo.

O vestiário para os atletas significa um local de concentração, que é a forma de se apropriar dos conceitos emocionais referentes ao basquetebol. A mediação e a apropriação se dão pela conversa entre os companheiros de equipe e o técnico, ou seja, a sociabilidade, assim, ajuda no desempenho dos atletas.

O banco de reservas representa um lugar de aprendizagem, desse modo, é um instrumento onde ocorrem as mediações e apropriações pelos atletas, que se dão pelas conversas e pelo apoio por parte dos companheiros de equipe e pela comissão técnica.

A estatística e o vídeo são dois instrumentos utilizados pela comissão técnica assinalados pelos atletas como importantes para o melhoramento do desempenho deles. Dessa maneira, esses instrumentos servem como mediadores e pelos quais os atletas se apropriam dos conceitos culturais envolvidos no basquetebol.

Um fator que os atletas colocam como primordial para a melhora de sua atuação é a torcida e o fato de se jogar em casa.

O ginásio é o instrumento que se confunde com a torcida e a quadra de jogo, mas é importante para o desempenho dos atletas, posto que representa sua casa, logo, um lugar de tranquilidade para os atletas.

O cronômetro foi apontado pelos entrevistados como a emoção maior em uma partida, proporciona emoções múltiplas como nervosismo, insegurança. O cronômetro por personificar o final da partida, representa o objetivo a ser atingido no basquete, pois toda atividade cultural tem um objetivo.

Já o apito é representante do cumprimento da regra do jogo. Todas as atividades culturais são regidas por normas, que refletem a organização social de um determinado grupo.

O uniforme é identificado como algo importante para os atletas. No entanto, eles não identificam o uniforme como representando o clube/instituição, mas sim, a história daqueles que por lá passaram, ou seja, representa os jogadores que atuaram neste clube investigado. Isso fica patente quando em um depoimento um atleta aponta que o uniforme não é importante para o seu desempenho, ou mesmo suas emoções, mas o que influencia é o número da camisa. O número serve, por conseguinte, como um instrumento mediador e cheio de significado para esse atleta.

Os instrumentos tabela e aros não têm uma representação significativa para os entrevistados, nem nos seus desempenhos como em suas emoções.

O troféu e a medalha são instrumentos que representam o que há de mais importante no basquetebol para os atletas, pois significa o resultado final, que é a vitória. Toda atividade cultural deve ter um objetivo, ou seja, um resultado, e o troféu e a medalha significa isso. A medalha demonstra aos atletas, seus familiares e amigos que eles foram bem-sucedidos na profissão.

Um instrumento/artefato que não diz respeito ao basquetebol, mas que está presente nesta modalidade esportiva é a televisão, e esta tem uma importância significativa para a

atuação dos atletas, pois significa que eles estão sendo avaliados, e esta avaliação pode trazer status no trabalho, remunerações elevadas, e assim uma ascensão social por meio do trabalho.

Algo interessante neste estudo foi que os entrevistados não enfocam a bola do jogo como instrumento de relevância, mas foi mencionada como um instrumento usado para extravasar as emoções em situações de raiva, frustração pelos atletas.

A concentração foi a resposta mais frequentemente dada pelos entrevistados a respeito de como eles regulam suas emoções, pois é por meio do pensamento e da inteligência que os indivíduos regulam suas emoções.

Os atletas afirmam que necessitam de outras pessoas para que eles se apropriem dos conceitos emocionais, e assim possam regulá-los. O principal mediador citado pelos atletas foram os companheiros de equipe mais experientes. Além disso, os atletas apontam o técnico como um mediador para eles regularem suas emoções.

Por fim, ficam alguns caminhos a serem seguidos em futuras pesquisas. Abre-se um leque de opções para os pesquisadores na área de Educação Física, uma nova área que se abre que é a psicologia cultural no esporte (SCHINKE, MICHAEL, DANIELSON, GAUTHIER E PICKARD, 2005; SCHINKE, HANRAHAN, 2007). Esses estudos podem ser desenvolvidos acerca dos conceitos emocionais no basquete ou outros esportes, além de se poder estudar as instituições que atuam no desenvolvimento do basquete ou em outras modalidades esportivas.

Referências bibliográficas

ARCE, Alessandra. O jogo e o desenvolvimento infantil na teoria da atividade e no pensamento educacional de Friedrich Froebel. **Cadernos Cedes**, Campinas, v.24, n.62, p.9-23, abr.2004.

ASBAHR, Flavia da Silva Ferreira. A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade. **Revista Brasileira de Educação**, n.29, p.108-119, maio/jun./jul./ago.2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1979.

BARRETT, Lisa Feldman. Are emotions natural kinds? **Perspectives on Psychological Science**, v.1, n.1, mar.2006.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. 2ª reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BUTLER, Emily A.; LEE, Tiane L.; GROSS, James J. Emotion regulation and culture: are the social consequences of emotion suppression on culture-specific? **Emotion**, s/l, v.7, n.4, p.30-48, 2007.

CAMPOS, Joseph J.; FRANKEL, Carl B.; CAMRAS, Linda. On the nature of emotion regulation. **Child Development**, v.75, n.2, p.377-397, mar./abr.2004.

COLE, Michael. **Cultural psychology: a once and culture discipline**. 6. ed. Cambridge, Massachusetts, London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 2003.

DANIELS, Harry. O indivíduo e a organização. *In*: DANIELS, H. (Org.). **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994. p.91-120.

_____. The 'social' in post-vygotskian theory. **Theory & Psychology**, v.16, n.1, p.37-49, fev.2006.

DAMIANI, Magda Floriana. **A teoria da atividade como ferramenta para entender o desempenho de duas escolas de ensino fundamental**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/GT13-2139-Int.pdf>>. 2006. Acesso em 21 mar.2009.

DAVYDOV, Vasily V. A new approach to the interpretation of activity structure and Content. *In*: CHAIKLIN, Seth, HEDEGAARD, Mariane; JENSEN, Uffe Juul. **Activity theory and social practice: cultural-historical approaches**. Aarhus, Dinamarca: Aarhus University Press, 1999.

DAVYDOV, Vasily V.; ZINCHENKO, Vladimir Petrovich. A contribuição de vygotsky para o desenvolvimento da psicologia. *In*: DANIELS, Harry. (Org.). **Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994. p.151-167.

DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges; VIRAN, Arne; GRAVAS, Sissel. Tentativa de crianças em lidar com as emoções de raiva e tristeza. **Estudos de psicologia**, Natal, v.5, n.1, p.49-70, s/m.2000.

ELFENBEIN, Hillary Ang; SHIRAKO, Aiwa. An Emotion Process Model for Multicultural Teams. Book series: Research on Managing Groups and Teams, v.9. *IN*: **National Culture and Groups**. USA: Emerald Group Publishing Limited, 2006, p. 263-297.

ENGESTRÖM, Yrjö. Expansive learning at work: toward an activity theoretical reconceptualization. **Journal of education and work**, v.14, n.1, 2001.

FÁVARO, Maria Helena. Desenvolvimento psicológico, mediação semiótica e representações sociais: por uma articulação teórica e metodológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, s/l, v.21, n.1, p.17-25, jan./abr. 2005.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

GROSS, James J. Antecedent and response-focused emotion regulation: divergent consequences for experience, expression, and physiology. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.74, n.1, p.224-237, jan.1998a.

_____. The emerging field of emotion regulation: an integrative review. **Review of General Psychology**, s/l, v.2, n.3, p.271-299, jun.1998b.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LANE, S. T. A linguagem e a constituição do sujeito: o sujeito entre a linguagem. *In*: PARLATO, E. M.; SILVEIRA, L. F. B. **Série linguagem**, São Paulo, n.2: Ed. Lovise, 1997.

LEFFA, Vilson J. Aprendizagem mediada por computador à luz da Teoria da Atividade. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 21-30, 2005.

LIBÂNIO, José Carlos. Aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade. **Educar**, Curitiba, n.24, p.113-147, s/m.2004.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggian. **A pesquisa qualitativa em psicologia, e recursos básicos**. 2.ed. São Paulo: Editora Moraes, 1994.

MARTINS, Luis Eduardo Galvão; DALTRINI, Beatriz Mascia. Contribuições da teoria da atividade para a engenharia de requisitos baseados em casos de uso. **Revista de Ciência & Tecnologia**, Recife, v.11, n.21, p.45-52, jan./jun.2003.

MESQUITA, Batja; ALBERT, Dustin. The cultural regulation of emotions. *In*: GROSS, J.J. (Ed.). **The handbook of emotions regulation**. New York: Guilford Press, 2007.

MESQUITA, Batja; FRIJDA, Nico H. Cultural variations in emotions: a review. **Psychological Bulltin**, v.112, n.2, p.179-204, mar.2004.

MESQUITA, Batja; LEU, Janxin. The cultural psychological of emotions. *In*: KITAYAMA, S; COHEN, D. (Eds.). **Handbook of cultural psychology**. New York: Guilford Press, 2007.

PINO, Angel. A corrente sócio-histórica de psicologia: fundamentos epistemológicos e perspectivas educacionais. **Aberto**, Brasília, ano 9, n.48, p.61-67, out./dez. 1990.

_____. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos Cedes**, s/l, ano XX, n.24, p.38-51, jul.2000.

RATNER, Carl. **A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas**. Trad. Lolio Lourenço de Oliveria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. Activity as a key concept for cultural psychology. **Culture & Psychology**, s/l, v.2, n.4, p.407-434, dez.1996.

_____. A cultural-psychological analysis of emotions. **Culture & Psychology**, s/l, v.6, n.1, p.5-39, mar.2000a.

_____. Outline of a coherent, comprehensive concept of culture. **Cross-Cultural Psychology Bulletin**, s/l, v.34, n.1e 2, p.6-11, mar./jun.2000b.

_____. Agency and Culture. **Journal for the of Social Behavior**, s/l, v.30, n.4, p.423-434, s/m.2000c.

_____. Analyzing cultural-psychological themes in narrative statements. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research** (On-line Journal), v.2, n.3, set.2001. Disponível em: < <http://www.qualitative-research.net/fqs-eng.htm> >. Acesso em: 23 out.2007.

_____. **Cultural Psychology: theory and method**. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2002.

_____. **Cultural psychology: a perspective on psychological functioning and social reform**. Mahwah, New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2006.

_____. **A macro cultural-psychological theory of emotions**. Disponível em: <<http://www.humboldt.com/~cr2/macro%emotions.htm> >. Acesso em: 20 ago.2007.

RIBAS, Adriana Ferreira Paes; MOURA, Maria Lucia Seidl de. Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.11, n.1, p.129-138, jan./abr.2006.

RIMÉ, Bernard; MESQUITA, Batja; PHILIPPOT, Pierre; BOCA, Stefano. Beyond the emotional event: six studies on social sharing of emotion. **Cognitive and emotion**, s/l, v.516, n.5, p.435-465, s/m.1991.

ROTH, Michael-Wolff. Emotional work: a contributions to third-generation cultural-historical activity theory. **Mind, Culture, and Activity**, v.14, n.1-2, p.40-63, s/m.2007.

RUSSEL, David. **Rethinking gence in school na society**: an activity theory anlysis. Disponível em: < <http://www.iastate.edu>>.1997>.1997. Acesso em: 18 ago.2009.

SCHINKE, Robert J.; MICHAEL, Ginette Michael; DANIELSON, Richard; GAUTHIER, Alain; PICKARD, Patricia. Introduction to cultural sport psychology: special edition. **Atletic Insight**, s/l, v.7, n.3, set.2005. Disponível em: < <http://www.atletinsight.com/Vol7Iss3/introduction> >. Acesso em 28 ago.2009.

SCHINKE, Robert J.; HANRAHAN, Stephanie J. (Eds). **Cultural sport psychology**. Champaign, IL: Human Kinetics, 2007.

SCHROEDER, Edson. Conceitos espontâneos e conceitos científicos: o processo da construção conceitual em Vygotsky. **Atos em pesquisa em Educação**, s/l, v.2, n.2, p.293-318, maio/ago.2007.

SCHUTZ, Paul A; DAVIS, Heather A. Emotions and self-regulation during test taking. **Educational Psychologist**, v.35, n.4, p.243-256, fev.2000.

SCHWEIGER GALLO, Inge; MCCULLOCH, Kathleen C.; KEIL, Andreas; ROCKSTROH, Brigitte. Strategic automation of emotion regulation. **Journal of Personality and Social Psychology**, s/l, v.96, n.1, p.11-31, s/m.2009.

SFORNI, Marta Sueli de. **Aprendizagem conceitual e organização do ensino: contribuições da teoria da atividade**, 2003. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/martasuelidefariasforni>>. Acesso em: 21 mar.2009.

SHWEDER, Richard A. Why cultural psychology. **Ethos**, v.27, n.1, p.62-73, mar.1999.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método.

Organ. Rurais agroind., Lavras, v.7, n.1, p.70-81, s/m.2005.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Internalização: seu significado na dinâmica dialógica.

Educação & Sociedade, s/l, n.42, p.328-335, ago.1992.

_____. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Cadernos Cedes**, s/l, ano XX, n.50, p.26-40, abr.2000.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

THOMPSON, Ross A. Emotions regulation: a theme is search of definition. **Monographs of the society for research in child Development**, s/l, v.59, n.2/3, p.25-52, 1994. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable11166137> >. Acesso em: 14 ago.2009.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Teoria e método em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WERTSCH, James V. **Voices of the mind**: a sociocultural approach to mediated action. Cambridge, Massachusetts: HARVARD UNIVERSITY PRESS, 1993.

WIERZIBICKA, Ana. A conceptual basis for cultural psychology. **Ethos**, s/l, v.21, n.2, p.205-231, jun.1993.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, Paraná, v.9, n.1, p.127-135, s/m.2004.

ZINCHENKO, Vladimir Petrovich. A psicologia histórico-social e a teoria psicológica da atividade: retrospectos e prospectos. *In*: WERTSCH, James V.; DEL RÍOS, Pereda; ALVAREZ, Amélia (Orgs.). **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Roteiro de entrevista semi-estruturada.

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

**FEF – Faculdade de Educação Física**

ROTEIRO DE PERGUNTAS FEITAS AOS ATLETAS

GERAIS

- 1- Idade
- 2- Tempo de prática do basquetebol
- 3- O que levou você a praticar o basquetebol?

ESPECÍFICAS

- 1- O que há no contexto do basquetebol que influencia seu desempenho durante uma partida? O que você sente? Em que eles ou elas ajudam ou atrapalham o seu desempenho?
- 2- Em situação de treino e jogo essas influências têm a mesma importância para o seu desempenho? Por quê?
- 3- O que você faz para controlar suas emoções? Você precisa de ajuda para controlá-las? De quem?

APÊNDICE B: Carta convite para participação em pesquisa.**FEF – Faculdade de Educação Física****Carta – Convite para participação em Pesquisa****Prezado atleta,**

Sou estudante do Programa de Mestrado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Peço sua colaboração no sentido de participar voluntariamente do estudo, cujo tema está relacionado às emoções em jogadores profissionais de basquetebol.

Participarão deste estudo atletas profissionais de basquete.

Sua contribuição será através da participação em uma entrevista individual acerca dos aspectos psicológicos emocionais vividos na prática da modalidade de basquetebol. A entrevista será gravada, como forma de registro dos dados.

Sua participação é de fundamental importância para que esse estudo possa se realizar, sendo assim, coloco-me à disposição para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir.

Os dados serão utilizados apenas para fins de pesquisa e mediante o seu consentimento.

Desde já, agradeço a sua atenção e colaboração.

Atenciosamente,

Eduardo Pereira da Silva
Mestrando em Educação Física
FEF – Faculdade de Educação Física – UNICAMP

Concordo em participar ()

Não concordo em participar ()

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

APÊNDICE C: Carta de autorização da instituição.



FEF – Faculdade de Educação Física

Solicitação de autorização ao Clube/Entidade para a coleta de dados de pesquisa

Prezado (a) senhor (a): _____,

Solicito autorização para realizar parte do meu projeto de pesquisa (coleta de dados) junto aos atletas dessa instituição.

O objetivo deste estudo é analisar as emoções em jogadores profissionais de basquetebol.

A coleta de dados dar-se-á em local e horário a ser combinado previamente com cada um dos participantes, por meio da resposta em uma entrevista individual gravada em vídeo e/ou áudio. Nela, serão abordados aspectos emocionais percebidos pelos atletas na prática da modalidade de basquetebol.

A autorização para a realização deste estudo é de fundamental importância para que o projeto de pesquisa relacionado ao Mestrado em questão possa ser concretizado.

Saliento que os dados serão unicamente pra fins de pesquisa mediante o consentimento por escrito dos participantes, sem a identificação nominal dos mesmos quando da apresentação dos dados.

Coloco-me à disposição para esclarecer qualquer dúvida.

Desde já, agradeço a sua atenção e colaboração.

Atenciosamente,

Eduardo Pereira da Silva

Mestrando em Educação Física

FEF – Faculdade de Educação Física – UNICAMP

Parecer da Instituição:

Autorizo Eduardo Pereira da Silva a realizar com os atletas de basquetebol, vinculados a esta instituição, a aplicação de uma entrevista semi-estruturada gravada, como parte de coleta de dados de seu projeto de Mestrado, desde que isto se dê em comum acordo com os participantes, mediante seu consentimento.

Instituição: _____

APÊNDICE D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

**FEF – Faculdade de Educação Física**

Prezado atleta,

Sou estudante do Programa de Mestrado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Peço sua colaboração no sentido de participar voluntariamente do meu projeto de pesquisa, cujo tema está relacionado às emoções em jogadores profissionais de basquetebol.

Cada vez mais, nos defrontamos com indivíduos que encontram dificuldades em controlar as próprias emoções, ocasionando problema nas interações pessoais, seja no trabalho, na escola, no ambiente familiar. O principal problema é que este descontrole pode interferir nas relações sociais, alterando inclusive os processos emocionais de outros indivíduos.

Uma pessoa que demonstra medo excessivo diante de determinada situação, pode provocar a mesma emoção em outra pessoa que, se estivesse sozinha, talvez não tivesse a mesma reação. Pode-se ainda alterar o estado emocional de uma pessoa com simples olhar, uma expressão mímica ou com uma frase.

Sua participação se dará voluntariamente através de uma entrevista semi-estruturada individual, realizada por mim, sobre as emoções no contexto esportivo do basquetebol. Não existem riscos previsíveis ou danos que possa vir a sofrer, decorrente de sua participação nesta pesquisa. Este trabalho não trará nenhum ônus ou bonificação a sua pessoa. A entrevista será gravada em formato de vídeo e/ou áudio como forma de registro dos dados.

O local, data e horário da aplicação da entrevista serão determinados posteriormente, em comum acordo. É necessário somente que não haja barulho excessivo de pessoas ou veículos para não comprometer as gravações.

Suas respostas serão utilizadas apenas para fins de pesquisa, sem a identificação nominal na apresentação dos dados. Sua identidade será preservada em todo e qualquer material relativo ao trabalho em questão.

Você poderá se recusar a participar ou desistir de participar a qualquer momento após ter iniciado o processo, sem nenhuma penalidade ou ônus.

Sua participação é de fundamental importância para que esse estudo possa se realizar. Por isso, coloque-me à sua disposição para esclarecer quaisquer dúvidas antes, durante e após a pesquisa.

Caso concorde em participar, receberá uma cópia deste termo de consentimento.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

Atenciosamente,

Eduardo Pereira da Silva
Mestrando em Educação Física

Faculdade de Educação Física – FEF – UNICAMP

Endereço: Rua Érico Veríssimo, s/n

Cidade Universitária Zeferino Vaz – Barão Geraldo CEP: 13083-970 – Campinas/SP – Brasil

Caixa Postal: 6134

E-mail: edu.ef@professor.sp.gov.br

Celular: (19)9179-2675

Comitê de Ética da UNICAMP

Faculdade de Ciências Médicas – FCM – UNICAMP

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126.

Cidade Universitária Zeferino Vaz – Barão Geraldo CEP: 13084-970 – Campinas/SP – Brasil

Caixa Postal: 6111

Concordo em participar ()

Não concordo em participar ()

Autorização para utilização dos dados na pesquisa

Eu,, entendo que, ao participar do projeto de pesquisa de Eduardo Pereira da Silva, cujo o objetivo é “analisar as emoções em jogadores de basquetebol”, estarei fazendo parte de um grupo que irá compor o estudo em seu Projeto de Mestrado.

Através deste documento demonstro que aceito participar do processo de coleta de dados respondendo a uma entrevista semi-estruturada gravada em vídeo e/ou áudio.

Permito que os dados coletados sejam utilizados apenas para fins de pesquisa, sem minha identificação nominal na apresentação dos dados.

Campinas, de de 200....

Assinatura:

Endereço:

Telefone para contato:

E-mail:

ANEXO

ANEXO A: Relação dos clubes participantes do campeonato paulista temporada 2009/2010.

Clubes Participantes	
Equipe	Dados do Clube
<u>A.E. AMERICANA BASKETBALL</u>	
<u>A.E.S.JOSE/UNIMED/VINAC</u>	
<u>AMIGÃO/ANDORINHA/AMEA/ASSIS</u>	
<u>APABA / SANTO ANDRÉ</u>	
<u>E.C.PINHEIROS</u>	
<u>FLEXTRONICS/L.S.B./P.M.SOROCABA</u>	
<u>GRSA / ITABOM - BAURU B.T.</u>	
<u>METODISTA / SÃO BERNARDO</u>	
<u>PALMEIRAS/LUPO/ARARAQUARA</u>	
<u>PAULISTANO / AMIL</u>	
<u>RIO CLARO F.C. / SEME</u>	
<u>VIVO / FRANCA BASQUETE</u>	
<u>XV / COSAN/BOM PEIXE/AMHPLA/SELAM</u>	